

BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado

Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural

Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri

Edilene Steinwandter

Diretores

Giovani Canola Teixeira

Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto

Extensão Rural e Pesqueira

Ivan Luiz Zilli Bacic

Desenvolvimento Institucional

Vagner Miranda Portes

Ciência, Tecnologia e Inovação

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Reney Dorow



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 309

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Júnior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: abril de 2020 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Abril/2020. Florianópolis, 2020, 51p. (Epagri. Documentos, 309).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

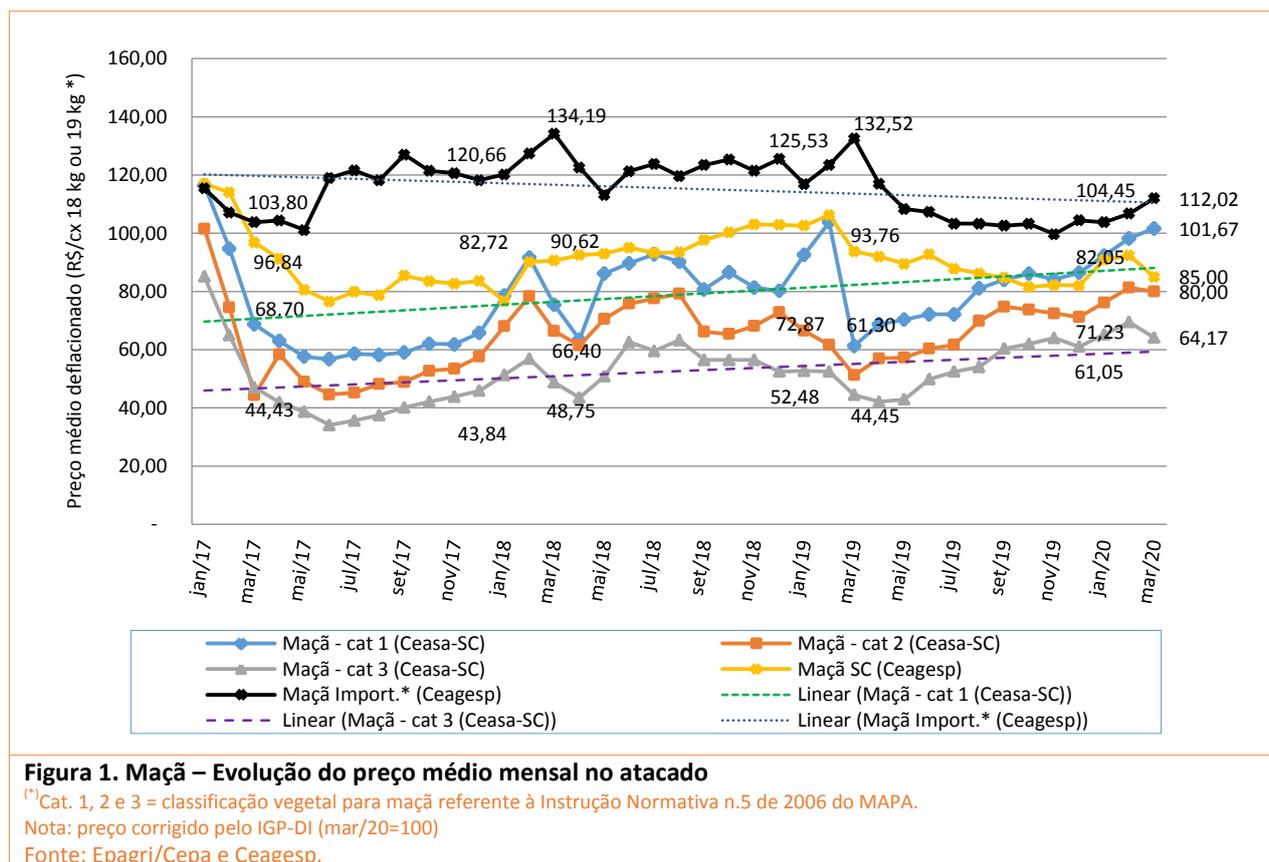
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	12
Milho.....	16
Soja	20
Trigo.....	23
Hortaliças	25
Alho.....	25
Cebola	28
Pecuária	30
Avicultura.....	30
Bovinocultura	37
Suinocultura.....	42
Leite	49

Fruticultura

Maçã

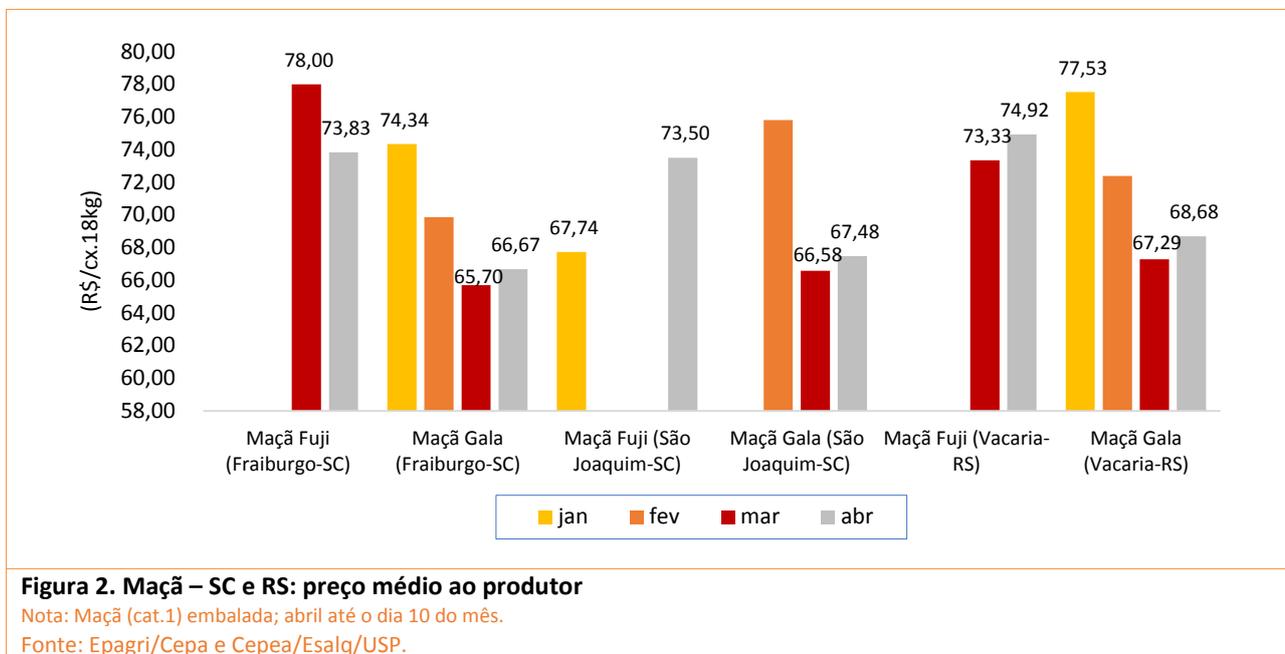
Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Na Ceasa/SC, entre fevereiro e março houve valorização de 3,5% da maçã cat. 1 e desvalorização das maçãs das categorias 2 e 3 de 1,6% e 7,6%, respectivamente. A maçã cat 1 está 65,8% valorizada em relação a março do ano anterior, devido a menor oferta da categoria e retração do mercado. A maçã Fuji, no início da safra, apresentou valorização de preços nas centrais de abastecimento. Com menor oferta que em março de 2019, a categoria 3 valorizou 44,4% em relação aos preços da safra passada. Com a redução na demanda escolar, do período de isolamento domiciliar em função da pandemia do novo coronavírus, a maior demanda da fruta está sendo por parte das redes de atacado e varejo e pequenos verejos.

Na Ceagesp, os preços da maçã catarinense comercializada em março de 2020 desvalorizaram 9,3% em relação ao mesmo mês do ano anterior, apesar da menor oferta da fruta nos últimos dois anos. Em relação ao mês anterior houve desvalorização de 8% nas cotações, enquanto na comparação com janeiro de 2020 houve redução de 6,4%, devido ao aumento da colheita nas regiões produtoras e expectativa de aumento da oferta nas próximas semanas. Mas, a falta de frete de retorno, pode aumentar o custo no transporte de hortifrúteis, e o fechamento de pontos de carga nas principais vias de acesso dos grandes centros consumidores, diminuiriam o número de viagens interestaduais, devendo limitar a oferta da fruta nas centrais atacadistas. Na central paulistana, em março as maçãs importadas apresentavam preços

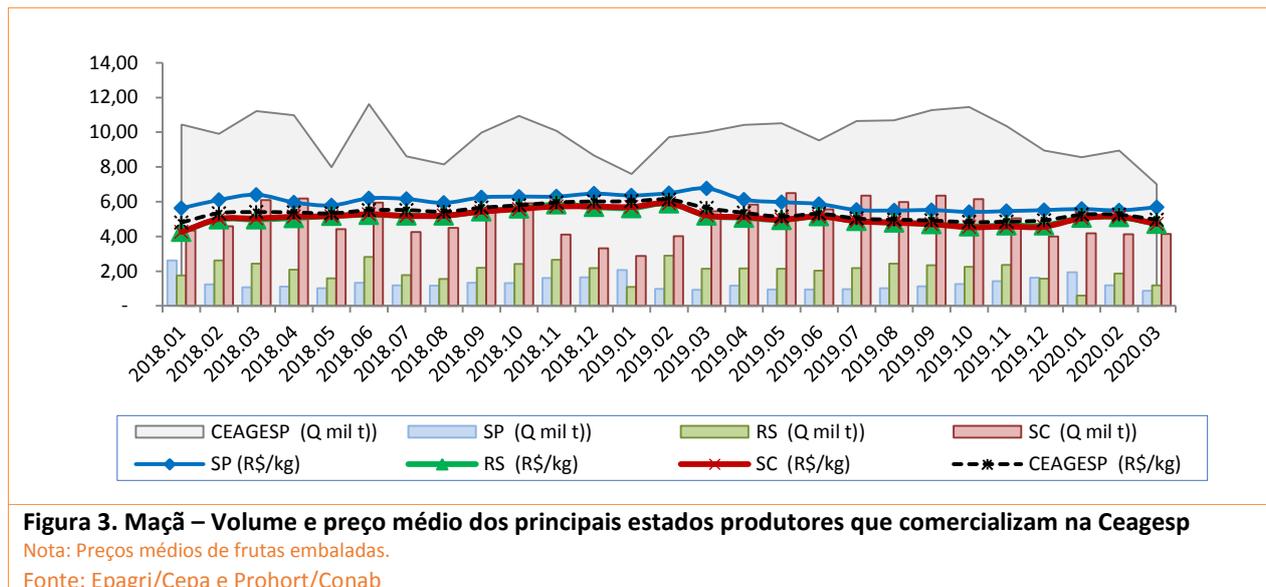
4,9% maiores que os de fevereiro; mas, 15,5% desvalorizadas em relação a março de 2019. A tendência no próximo mês, com o final da oferta de frutas da safra, é o escalonamento dos estoques nas classificadoras, com aumento dos estoques em câmaras frias e o escoamento de frutas para mercados mais próximos, enquanto permanecerem as restrições de trânsito referentes a pandemia da Covid19.



Na região de Fraiburgo, com o final da colheita da maçã Gala a tendência é de valorização nos preços, devido à redução da oferta na safra. A maçã Fuji colhida está com calibres menores que o esperado, o que, junto à retração da demanda, ocasionou cotações menores que as do mês anterior. Com a estratégia de escoar as frutas armazenadas em atmosfera natural, houve desvalorização nos preços.

Em São Joaquim a expectativa é de redução de mais de 5% na produção em relação a safra anterior, mas com frutas de melhor qualidade. Na região, a maçã Fuji, que está sendo colhida, apresenta melhor pressão de polpa que a Gala, o que pode garantir maior tempo de armazenagem em atmosfera controlada. Houve valorização do preço em relação a Fuji da safra 2018/19 comercializada em janeiro. Contudo, as cotações das frutas colhidas com atraso estão ainda abaixo do esperado para o período. A estratégia das classificadoras é segurar os novos lotes para reduzir a oferta e pressionar a valorização dos preços da variedade. A expectativa é que o armazenamento de frutas em atmosfera controlada, para a comercialização no segundo semestre, possa compensar eventuais reduções da demanda e gargalos no escoamento da produção aos grandes centros consumidores do país.

Na região de Vacaria (RS), com a colheita mais adiantada que em São Joaquim e escoamento da produção de frutas menores para exportação e indústria no mês de março, houve redução na oferta total da fruta e valorização nas cotações nos pomares.



Entre fevereiro e março de 2020, as cotações das maçãs de Santa Catarina e Rio Grande do Sul apresentaram desvalorização de mais de 6%; enquanto as frutas embaladas em São Paulo e as importadas valorizaram 4,9% e 6,7%, respectivamente. Na evolução dos preços praticados na Ceagesp, as cotações sulinas entre abril e outubro são, em média, 13,5% menores que os preços paulistas e 17% menores que as de maçãs importadas, determinando maiores volumes comercializados.

No primeiro trimestre de 2020, a central paulistana comercializou mais de 24,5 mil toneladas de maçã, sendo 50,8% do total de origem catarinense, 16,2% de origem paulista, 15,1% de frutas importadas e 14,9% de maçãs de origem gaúcha. Na comparação com o primeiro trimestre de 2019, houve redução de 10,3% no volume transacionado, sendo que já havia redução de 13,5% na quantidade comercializada da fruta entre o primeiro trimestre de 2018 e 2019. O volume total de maçãs negociadas na Ceagesp em 2018 foi de 118,58 mil toneladas, sendo 59,0 mil toneladas (49,8%) oriundas de Santa Catarina. Em 2019, houve crescimento de 2,2% na quantidade comercializada de maçãs no entreposto paulistano, com 121,16 mil toneladas, sendo que 52,9% (64,09 mil toneladas) eram de origem catarinense.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2018/19 e a estimativa de 2019/20

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa 2018/19			Estimativa 2019/20			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produt. média (%)
Joaçaba	2.594	95.443	36.794	2.568	91.076	35.466	-1,00	-4,58	-3,61
Curitibanos	960	31.851	33.178	958	31.755	33.147	-0,21	-0,30	-0,09
Campos de Lages	11.764	467.129	39.708	11.646	441.709	37.928	-1,00	-5,44	-4,48
Outras	113	2.536	22.442	112	2.482	22.161	-0,88	-2,13	-1,26
Total	15.431	596.959	38.686	15.284	567.023	37.099	-0,95	-5,01	-4,10

Fonte: Epagri/Cepa (mar 2019).

A estimativa para a safra catarinense 2019/20 é de redução em relação à produção estimada de 2018/19, principalmente nas microrregiões dos Campos de Lages e de Joaçaba, com diminuição da área colhida. A expectativa está na evolução da colheita da Fuji na região de São Joaquim, escoamento da produção com gargalos na distribuição das cargas da fruta nas principais regiões, com venda no atacado para grandes redes supermercadistas e centrais de abastecimento públicas, em decorrência dos efeitos das medidas econômicas e sanitárias referente a epidemia do coronavírus no estado e no país.

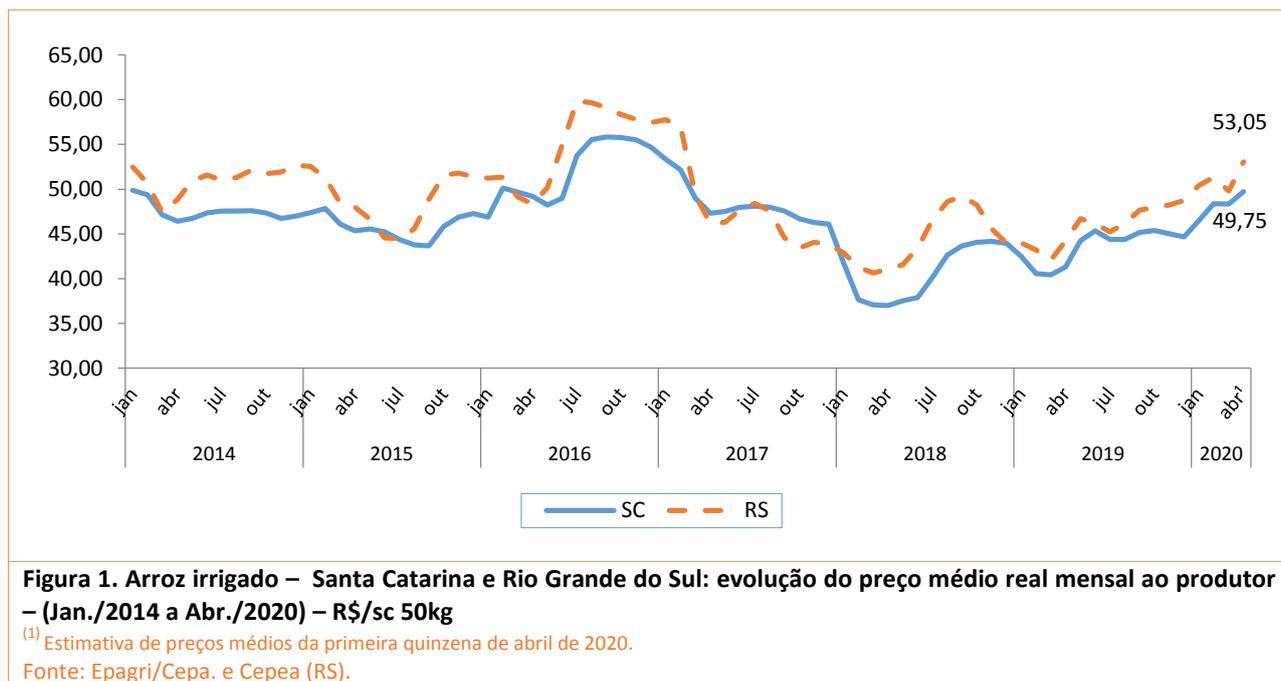
Grãos

Arroz

Gláucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

O preço ao produtor do arroz em casca continuou trajetória crescente no último mês. Embora esse não seja o comportamento esperado para o período, ele pode ser explicado pelos acontecimentos recentes, face à crise econômica e da saúde desencadeado pela Covid-19. O mercado de arroz não está seguindo padrão esperado, não apenas em Santa Catarina, mas no Rio Grande do Sul e outros estados. Em razão dessa perda de referência e subida dos preços, é possível observar preços que oscilam entre R\$47 e R\$58 a saca de 50 kg no estado, a depender da região do estado e da demanda das indústrias. A corrida aos supermercados, com medo do desabastecimento frente à pandemia, levou a um excesso de demanda e redução dos estoques das indústrias, o que determinou um comportamento atípico dos preços no período de maior concentração da colheita no estado. Em Santa Catarina, o preço médio ao produtor, em março, foi de R\$48,33 a saca e, na primeira quinzena de abril, mantém a tendência crescente, fechando até o momento em R\$49,75 a saca de 50 kg. Cabe destacar que a permanência desses preços elevados depende de alguns fatores, em especial, o comportamento da demanda. Esse comportamento pode ser analisado em dois aspectos: o mercado externo está aquecido, levando produtores a preterir o mercado interno; por outro lado, os preços domésticos podem chegar a um patamar em que o preço de importação se equipare ao preço doméstico e a demanda possa ser suprida pelas importações. Além das causas citadas acima para esta valorização dos preços, destaca-se que a safra 2018/19 resultou em produção menor do que a observada na safra 2017/18, em razão de problemas climáticos enfrentados pelos dois estados, o que elevou o patamar de preços desde o início da safra, comparativamente ao ano anterior (Figura 1).



Comparativo de safra

No que diz respeito à evolução da safra em Santa Catarina, até a primeira semana de abril, quase 97% da área plantada já havia sido colhida, devendo ser finalizada até meados de maio. Do que resta a campo, 98,44% encontra-se em estágio de maturação e 1,56% em floração. Embora o plantio tenha atrasado em relação à safra anterior, principalmente entre a primeira quinzena de setembro e outubro, em razão da estiagem que atingiu o estado entre agosto e outubro, o andamento da safra foi normal. A estimativa atual da safra 2019/20 aponta uma leve redução da área plantada, que deverá ser de 143,05 mil hectares. A baixa produtividade obtida na safra 2018/19 em razão do excesso de calor ocorrido no período de floração, deverá ser superada na safra 2019/20, fechando em 8.015 kg/ha, cerca de 4,03% maior. Cabe destacar que na região sul do estado, o avanço da colheita tem confirmado uma safra excelente, com bom rendimento e qualidade do grão. No Alto Vale a safra está confirmando rendimentos normais, embora superiores aos observados na safra passada. No Litoral Norte e Baixo Vale do Itajaí observou-se que a safra principal se desenvolveu bem, mas a colheita da soca tem confirmado rendimentos baixos, principalmente pela ocorrência de cigarrinha sogata, que trouxe prejuízos para muitas lavouras.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo safra 2018/19 e safra 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa atual Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	383.657	7.445	51.530	400.206	7.766	0,00	4,31	4,31
Blumenau	8.222	72.177	8.778	8.265	71.860	8.695	0,52	-0,44	-0,96
Criciúma	20.813	148.564	7.138	20.813	161.359	7.753	0,00	8,61	8,61
Florianópolis	1.950	13.591	6.969	2.000	13.877	6.939	2,56	2,11	-0,44
Itajaí	9.196	74.573	8.109	9.216	77.556	8.415	0,22	4,00	3,77
Ituporanga	190	1.772	9.326	185	1.573	8.500	-2,63	-11,26	-8,86
Joinville	18.225	149.657	8.212	18.151	153.736	8.470	-0,41	2,73	3,14
Rio do Sul	9.782	83.759	8.563	9.768	86.671	8.873	-0,14	3,48	3,63
Tabuleiro	120	976	8.131	120	1.020	8.500	0,00	4,54	4,54
Tijucas	2.490	17.819	7.156	2.410	18.045	7.488	-3,21	1,27	4,63
Tubarão	20.927	157.910	7.546	20.588	160.598	7.801	-1,62	1,70	3,38
Santa Catarina	143.445	1.104.454	7.699	143.046	1.146.500	8.015	-0,28	3,81	4,10

Fonte: Epagri/Cepa (Agosto/2019).

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em função da crise econômica provocada pela pandemia do novo coronavírus, aliada à estiagem que assola as lavouras do Sul do país desde janeiro, os preços do feijão tiveram altas significativas em todas as regiões produtoras. Em Santa Catarina, o preço pago ao produtor pelo feijão-carioca, tomando como referência a praça de Joaçaba, passou de R\$152,22/sc 60kg em fevereiro para R\$186,07/sc em março, alta de 22,24%. Nos demais estados analisados, o comportamento altista também foi observado.

Já para o feijão-preto, os preços pagos aos produtores também tiveram altas, contudo mais modestas. Em Santa Catarina a variação do preço médio mensal foi positiva em 6,13%, no Paraná, alta de 14,13% 3, e no Rio Grande do Sul, aumento de 9,57%.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor – Safra 2019/2020 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Março/2020	Fevereiro/2020	Variação mensal (%)	Março/2019	Variação (%) Mar./20 – Mar./19
Santa Catarina⁽¹⁾	Feijão Carioca	186,07	152,22	22,24	311,43	-40,25
Paraná		219,92	174,45	26,06	282,14	-22,05
Mato Grosso do Sul		265,23	199,40	33,01	313,51	-15,40
Bahia		224,55	179,38	25,18	297,62	-24,55
São Paulo		248,32	198,52	25,09	335,30	-25,94
Goiás		244,55	199,23	22,75	297,51	-17,80
Santa Catarina	Feijão Preto	136,86	128,96	6,13	163,63	-16,36
Paraná		145,31	127,32	14,13	153,26	-5,19
Rio Grande do Sul		151,89	138,62	9,57	181,25	-16,20

⁽¹⁾ Preço da Praça de Referência de Joaçaba, SC.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (RS, BA, GO, MS). Março, 2020.

O mercado atacadista se apresenta bastante instável. A Bolsa de Cereais de São Paulo, que é balizadora de preços, está sem operar desde 20 de março. O mês de março iniciou com estoques bastante baixos e com expressiva queda na produtividade do feijão da primeira safra em Minas Gerais e Goiás, causada pelas condições climáticas adversas. Já na segunda quinzena de março, com o aumento do número de estados a aderirem a quarentena em função do Coronavírus, o mercado passou por uma forte oscilação positiva de preços aos produtores, em virtude do aumento da demanda pelo mercado varejista.

O mês de abril iniciou com o mercado consumidor abastecido, segundo dados da Conab. As medidas de isolamento social promovidas por governos estaduais e municipais não levaram ao aumento no consumo de feijão. Com isso, o comportamento altista dos preços se normalizou. Além disso, a produção brasileira está bem ajustada à demanda e com uma produção bem distribuída nas três safras de feijão. Em função disso, o feijão de segunda safra (safra da seca) é o que está tendo maior pressão em relação à oferta de feijão novo, pois sua colheita se concentra nos meses de abril, maio e junho.

Safra

Na primeira safra deste ano, a área é estimada em 35,2 mil hectares, área praticamente idêntica à cultivada na safra passada. Em relação à produção, deverão ser colhidas cerca de 60,6 mil toneladas, 3,0%

mais que na última safra. A área de feijão primeira safra está diminuindo ao longo das últimas safras, principalmente pela competição com outras culturas, como soja e milho, e, também, devido ao momento da colheita coincidir, muitas vezes, com o período chuvoso, acarretando problemas de qualidade do produto.

Tabela 2. Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2018/2019 e 2019/2020

Microrregião	Safra 2018/2019		Estimativa atual Safra 2019/2020		Variação (%)	
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Área	Quant. prod.
Araranguá	74	73	54	50	-27	-31
Blumenau	92	104	-	-	-	-
Campos de Lages	7.810	15.173	7.730	8.004	-1	-47
Canoinhas	5.550	9.299	6.200	14.420	12	55
Chapecó	2.061	3.535	2.215	4.598	7	30
Concórdia	420	657	381	587	-9	-11
Criciúma	533	628	675	778	27	24
Curitibanos	5.380	10.326	4.780	8.355	-11	-19
Florianópolis	31	40	12	7	-61	-84
Ituporanga	980	1.927	1.010	1.640	3	-15
Joaçaba	2.417	3.274	2.369	3.435	-2	5
Joinville	22	22	-	-	-	-
Rio do Sul	603	961	596	965	-1	0
São Bento do Sul	680	966	600	1.200	-12	24
São M. do Oeste	1.199	2.303	825	1.669	-31	-28
Tabuleiro	463	812	376	451	-19	-44
Tijucas	170	199	166	172	-2	-14
Tubarão	973	1.305	773	963	-21	-26
Xanxerê	5.868	11.125	6.434	13.307	10	20
Santa Catarina	35.326	62.728	35.196	60.600	0	-3

Fonte: Epagri/Cepa. Março, 2020.

O feijão segunda safra deverá ter uma área plantada de 24,8 mil hectares, o que representa uma redução de 9% em relação à área da safra passada. Com isso, a previsão até o momento e de uma redução na produção na ordem de 10%, resultando numa colheita de aproximadamente 37 mil toneladas. A estiagem deverá comprometer a qualidade comercial do produto colhido, resultando em perdas financeiras para os produtores na venda de sua produção.

As condições climáticas continuam ruins para a cultura de feijão 2ª safra e dificilmente as condições de estresse hídrico das lavouras sofrerá alterações, mesmo com ocorrências de chuvas. Em todo estado, 84,4% das lavouras encontram-se em fase de floração. Nessa fase do desenvolvimento da planta, a deficiência hídrica é o considerado fator crítico, podendo resultar em redução expressiva da produtividade. Em condições normais, a produtividade média estadual é em torno de 1.500kg/ha, enquanto para esta safra é esperada uma produtividade média abaixo de 1.300 kg/ha. Cabe destacar que em algumas regiões produtoras já há relatos de que a redução na produtividade poderá passar de 50%.

Em junho teremos o fechamento da safra de feijão no estado, até o momento temos como estimativa atual da safra total de feijão, o cultivo de 60 mil hectares, como uma produção de 97,7 mil toneladas. Em se confirmando esses previsões chegaremos ao final desse ciclo com uma redução na área plantada de 4% e uma redução na produção na ordem de 6%, em comparação à safra anterior.

Tabela 3. Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2018/2019 e 2019/2020

Microrregião	Safra 2018/2019		Estimativa atual		Variação (%)	
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Safra 2019/2020		Área	Quant. prod.
			Área (ha)	Quant. prod.(t)		
Araranguá	621	571	602	471	-3	-18
Blumenau	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	-	-	-	-	-	-
Canoinhas	3.110	3.165	1.220	951	-61	-70
Chapecó	2.921	4.852	2.700	4.420	-8	-9
Concórdia	85	143	85	170	0	19
Criciúma	2.421	2.797	2.416	2.339	0	-16
Curitibanos	-	-	-	-	-	-
Florianópolis	-	-	-	-	-	-
Ituporanga	1.620	2.414	1.265	1.668	-22	-31
Joaçaba	-	-	-	-	-	-
Joinville	-	-	-	-	-	-
Rio do Sul	628	868	521	653	-17	-25
São Bento do Sul	200	150	60	39	-70	-74
São M. do Oeste	1.825	2.585	2.057	3.093	13	20
Tabuleiro	-	-	-	-	-	-
Tijucas	-	-	-	-	-	-
Tubarão	1.185	1.220	1.181	987	0	-19
Xanxerê	12.695	22.310	12.695	22.298	0	0
Santa Catarina	27.311	41.075	24.802	37.089	-9	-10

Fonte: Epagri/Cepa. Março, 2020.

Tabela 4. Feijão total⁽¹⁾ – Comparativo de safra 2018/2019 e 2019/2020

Microrregião	Safra 2018/2019		Estimativa atual		Variação (%)	
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Safra 2019/2020		Área	Quant. prod.
			Área (ha)	Quant. prod.(t)		
Araranguá	695	644	656	521	-6	-19
Blumenau	92	104	-	-	-	-
Campos de Lages	7810	15.173	7730	8004	-1	-47
Canoinhas	8660	12.464	7420	15371	-14	23
Chapecó	4982	8.386	4915	9018	-1	8
Concórdia	505	800	466	757	-8	-5
Criciúma	2954	3.425	3091	3117	5	-9
Curitibanos	5380	10.326	4780	8355	-11	-19
Florianópolis	31	40	12	7	-61	-83
Ituporanga	2600	4.341	2275	3308	-13	-24
Joaçaba	2417	3.274	2369	3435	-2	5
Joinville	22	22	-	-	-	-
Rio do Sul	1231	1.829	1117	1618	-9	-12
São Bento do Sul	880	1.116	660	1239	-25	11
São M. do Oeste	3024	4.887	2882	4762	-5	-3
Tabuleiro	463	812	376	451	-19	-44
Tijucas	170	199	166	172	-2	-14
Tubarão	2158	2.526	1954	1950	-9	-23
Xanxerê	18563	33.435	19129	35605	3	6
Santa Catarina	62.637	103.804	59.998	97.689	-4	-6

⁽¹⁾ Feijão total = soma da 1ª e 2ª safra de feijão.

Fonte: Epagri/Cepa. Março, 2020.

Durante todo primeiro de trimestre de 2020 foi observado que a precipitação total para Santa Catarina acumula déficits hídricos que variam entre -100 a -300mm, praticamente não chovendo no estado nesse

período. Em algumas regiões do estado foram observadas precipitações pontuais, mas com volumes muito baixos, insuficientes para recuperar as perdas acumuladas para a cultura do feijão.

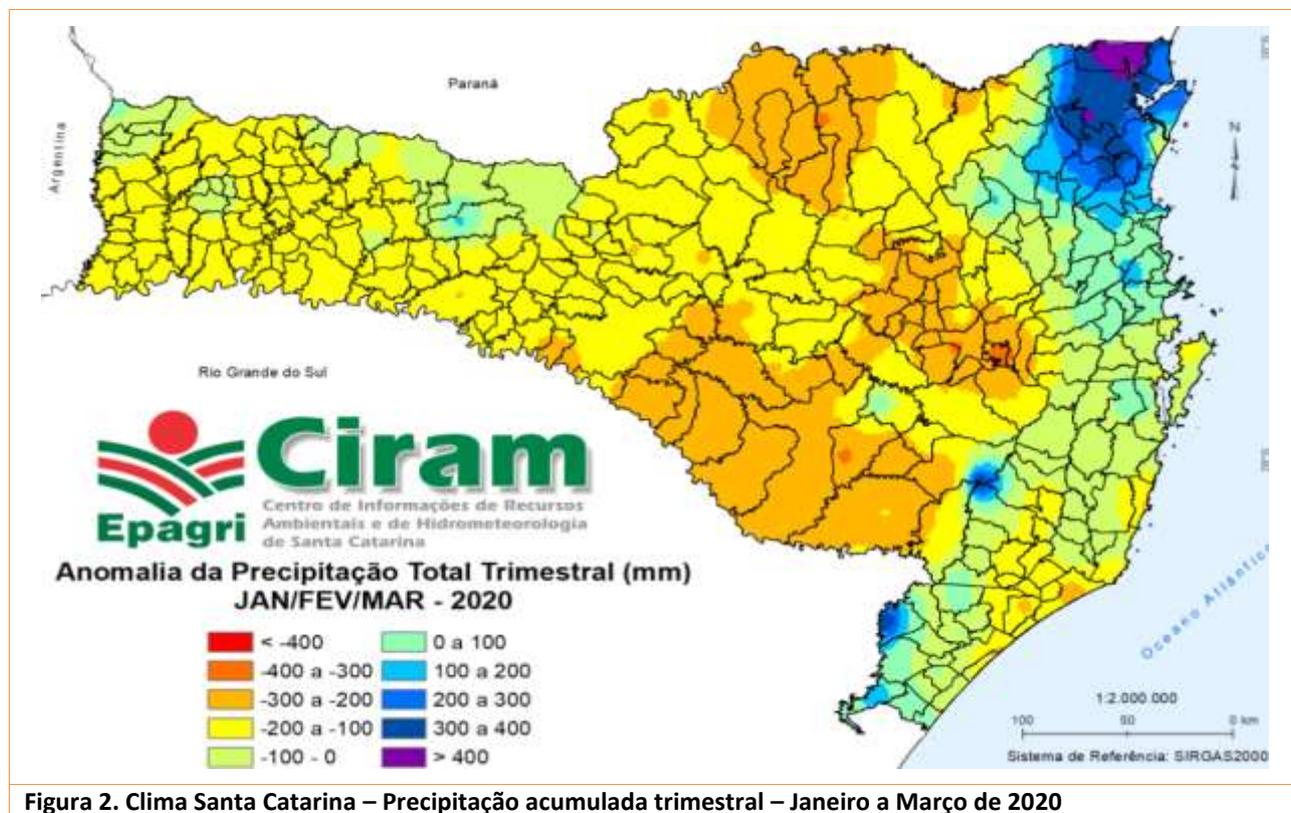


Figura 2. Clima Santa Catarina – Precipitação acumulada trimestral – Janeiro a Março de 2020

Segundo prognósticos do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) –, para o próximo trimestre, quando a segunda safra de feijão começa a ser colhida, a previsão climática indica maior probabilidade de chuvas, mas abaixo da faixa normal climatológica em São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, sul de Goiás e centro-sul de Minas Gerais. Há maior probabilidade de chuvas acima da faixa normal climatológica no norte do Maranhão e Piauí e leste dos estados do Pará, Amazonas, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Ainda segundo o INMET, há a possibilidade de chuvas abaixo da faixa normal na região Sul (Paraná e Rio Grande do Sul), em decorrência de fenômenos associados à circulação atmosférica de grande escala. Em relação à temperatura do ar próximo a superfície, a previsão indica maior probabilidade de ocorrência de valores próximos à normal climatológica para todo o país, exceto sobre a região Sul, onde podem predominar temperaturas abaixo do normal devido à entrada de massas de ar frio (ocorrência de geadas).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em março, a média mensal do preço do milho em Santa Catarina foi de R\$43,17/sc de 60kg, superior em 2,8% fevereiro/20 e 24,7% em relação a março de 2019 (Figura 1). No primeiro trimestre do ano, os preços no estado acumulam alta superior a 12%. No Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná, os preços apresentaram valores, em média, 6,01% superiores em relação a fevereiro. Os fatores que influenciaram os preços no período são:

- O dólar superior a R\$5,00 em março e início de abril foi o principal fator dos preços em alta no período;
- os estoques de passagem reagiram em março, com 9,3 milhões de toneladas, 1,3 milhão de toneladas a mais que no mês anterior, representando uma ligeira melhora no suprimento interno (CONAB, abril, 2020);
- o mercado está atento ao clima, em especial na região Centro Oeste. A estiagem e ondas de frio podem afetar o desenvolvimento da cultura, em especial no Mato Grosso do Sul e Paraguai, importantes fornecedores do cereal para o estado;
- a demanda interna pelo cereal foi maior em 2019 em função das maiores exportações de carnes pelo Brasil, A expectativa era a repetição ou aumento desta demanda, porém a pandemia de Covid19 pode retrair o consumo interno
- o mercado de grãos segue com dúvidas sobre quanto a pandemia irá impactar na demanda chinesa por carnes, bem como o quanto afetará a economia global. A redução do ritmo de atividade global poderá gerar uma queda na demanda das exportações brasileiras, sobretudo de commodities; e
- com estes fatores, os preços permaneceram fortalecidos no primeiro trimestre, mesmo com o avanço da colheita no Sul do Brasil. No início de abril, o cenário dá sinais de reversão nos preços, ou seja, queda nos preços em abril.

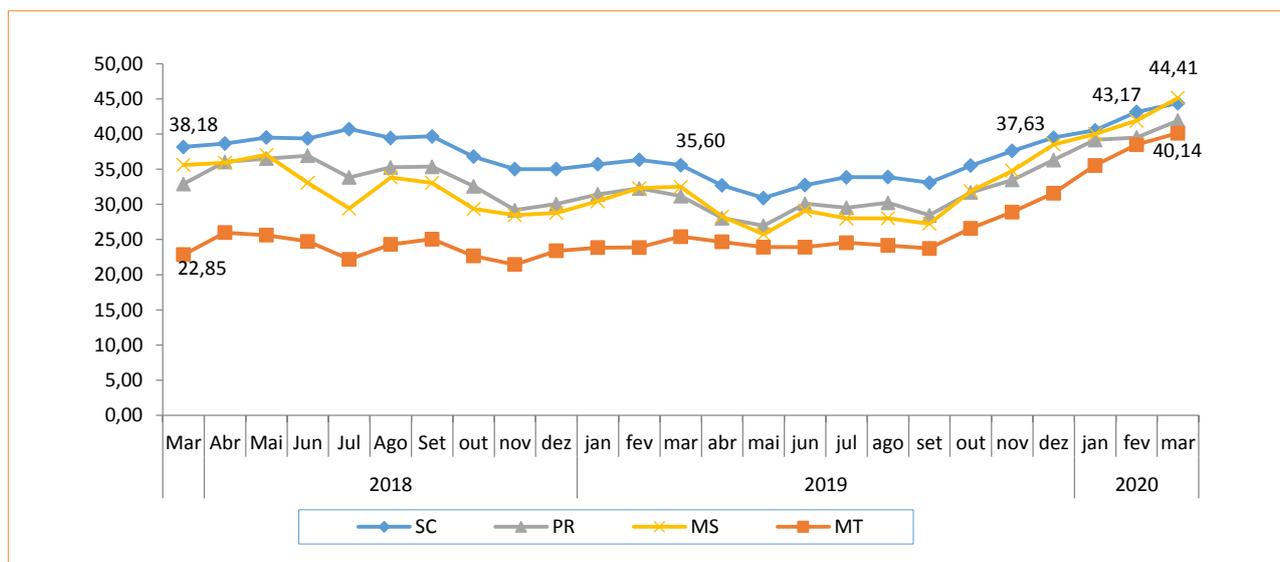
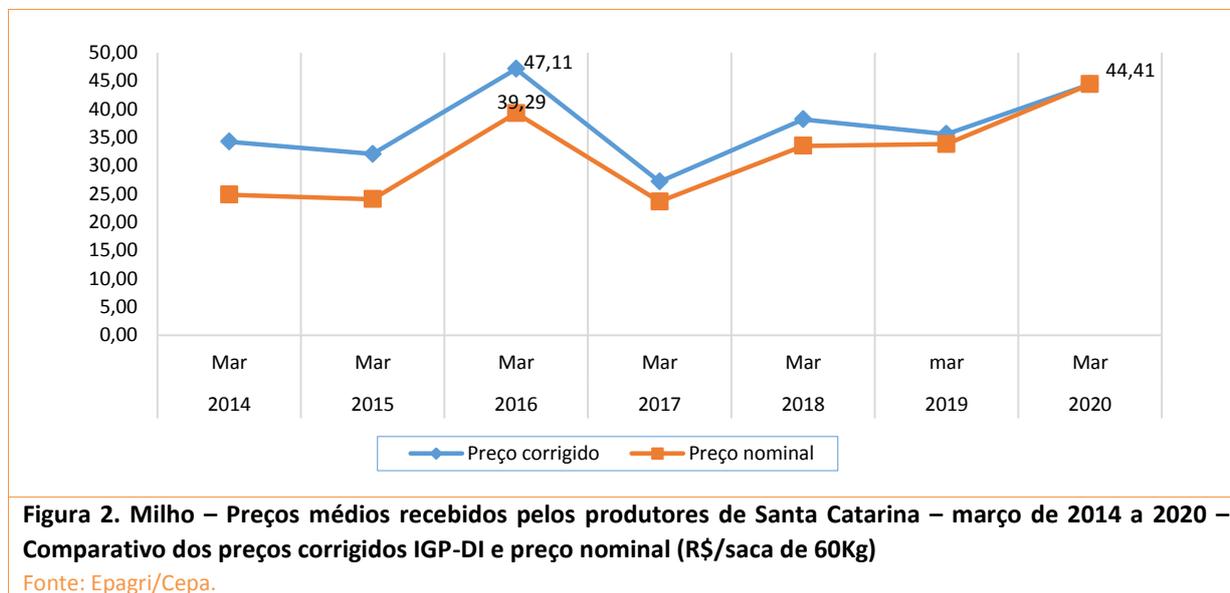


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal ao produtor – março de 2018 a março de 2020 (atualizados IGP-DI) – (R\$/sc de 60Kg)

Fonte: Deral-PR, Agrolink.

Os preços médios (preço nominal e preço corrigido pelo IGP-DI¹) pagos ao produtor nos meses de março de 2014 a 2020 estão apresentados na Figura 2. No mês de março de 2020, o preço nominal apresentou o maior valor da série, R\$44,41/sc. Em valores corrigidos, representa o segundo maior valor, perdendo apenas para março de 2016, em valor corrigido pelo IGP-DI (Figura 2).



Preços em abril 2020

Após os preços recordes em março, em valores nominais, as cotações apresentaram sinais de recuo na primeira quinzena de abril. Dias 3, 8 e 15 de abril registrou preços de R\$46,00, R\$45,50 e R\$43,00, respectivamente (praça Chapecó, Epagri/Cepa). Reflexo do cenário internacional do cereal, diante da desvalorização do petróleo, a demanda pelo cereal no mercado externo retraiu e, consequentemente, as cotações no mercado doméstico também. Outro fator é o recuo na produção de etanol nos EUA e Brasil, diminuindo a demanda por milho. O indicador Esalq/BM&FBOVESPA2, registra em 5 de abril R\$60,00/sc, enquanto em 14 de abril em R\$53,79, confirmando a tendência de queda nos preços. Sinais de retração da demanda interna pelo cereal.

Safra 2019/20

A estimativa de março de 2020 para a safra 2019/20 indica uma área cultivada de 323.276 hectares na primeira safra (Tabela 1) e 12.454ha na segunda safra. A expectativa é que a produção do estado na primeira safra seja de 2,51 milhões de toneladas, com recuo de 9,9% na produção e 8,0% produtividade em relação à safra anterior. Nesta atualização, já estão estimadas as perdas levantadas em função da estiagem de janeiro a março. As regiões que apresentam, até o momento, maior estimativa de redução da produtividade são Curitibaanos (25,2%) e Campos de Lages (42,9%), por serem as regiões mais afetadas pela falta das chuvas e pelo forte calor de fevereiro e março, o que potencializou as perdas. Independentemente disso, a colheita segue para seu término na região, favorecida pelo clima seco em março e início de abril.

¹ O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), do Instituto Brasileiro de Economia (FGV IBRE).

² <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/indicador/milho.aspx>.

Figura 3. Milho – Santa Catarina: comparativo da safra 2018/2019 e da estimativa atual da safra 2019/2020

Microrregião	Safra 2018/19			Safra 2019/20 (março)			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.734	52.476	6.785	7.724	50.033	6.478	-0,1	-4,7	-4,5
Blumenau	1.911	8.761	4.585	1.890	8.785	4.648	-1,1	0,3	1,4
Campos de Lages	32.300	258.140	7.992	32.600	148.702	4.561	0,9	-42,4	-42,9
Canoinhas	29.300	254.032	8.670	29.900	268.190	8.970	2,0	5,6	3,5
Chapecó	46.291	395.220	8.538	43.560	389.542	8.943	-5,9	-1,4	4,7
Concórdia	23.650	174.831	7.392	22.800	164.994	7.237	-3,6	-5,6	-2,1
Criciúma	6.674	46.124	6.911	7.060	46.918	6.646	5,8	1,7	-3,8
Curitibanos	24.335	258.392	10.618	26.065	206.959	7.940	7,1	-19,9	-25,2
Florianópolis	93	434	4.667	11	35	3.182	-88,2	-91,9	-31,8
Ituporanga	10.980	77.766	7.083	10.960	65.484	5.975	-0,2	-15,8	-15,6
Joaçaba	57.425	527.732	9.190	57.895	486.054	8.395	0,8	-7,9	-8,6
Joinville	410	2.057	5.016	460	2.479	5.389	12,2	20,5	7,4
Rio do Sul	20.165	138.239	6.855	19.320	108.105	5.595	-4,2	-21,8	-18,4
São Bento do Sul	4.100	32.650	7.963	3.600	29.550	8.208	-12,2	-9,5	3,1
São M. do Oeste	31.853	255.744	8.029	28.014	244.916	8.743	-12,1	-4,2	8,9
Tabuleiro	2.975	16.972	5.705	2.381	11.686	4.908	-20,0	-31,1	-14,0
Tijucas	1.735	9.100	5.245	1.680	7.440	4.429	-3,2	-18,2	-15,6
Tubarão	5.065	31.705	6.260	4.976	30.595	6.148	-1,8	-3,5	-1,8
Xanxerê	22.990	251.372	10.934	22.380	244.762	10.937	-2,7	-2,6	0,0
Santa Catarina	329.986	2.791.747	8.460	323.276	2.515.229	7.780	-2,0	-9,9	-8,0

Fonte: Epagri/Cepa.

As condições climáticas, em especial a precipitação ao longo do período da safra, apresentaram situações diferenciadas entre as regiões do estado. Enquanto no Oeste as chuvas foram relativamente satisfatórias no trimestre de outubro, novembro e dezembro, período crucial para o bom desempenho da safra de milho, em função do plantio que ocorre em setembro, o Planalto Sul apresentou índices inferiores de chuvas (Figura 2). No primeiro trimestre do ano, meses críticos para definição da safra, quando acontece a floração, enchimento de grãos e maturação, a irregularidade das chuvas foi mais acentuada no Planalto Sul e Alto Vale do Itajaí, regiões em que o plantio é realizado em outubro e novembro.

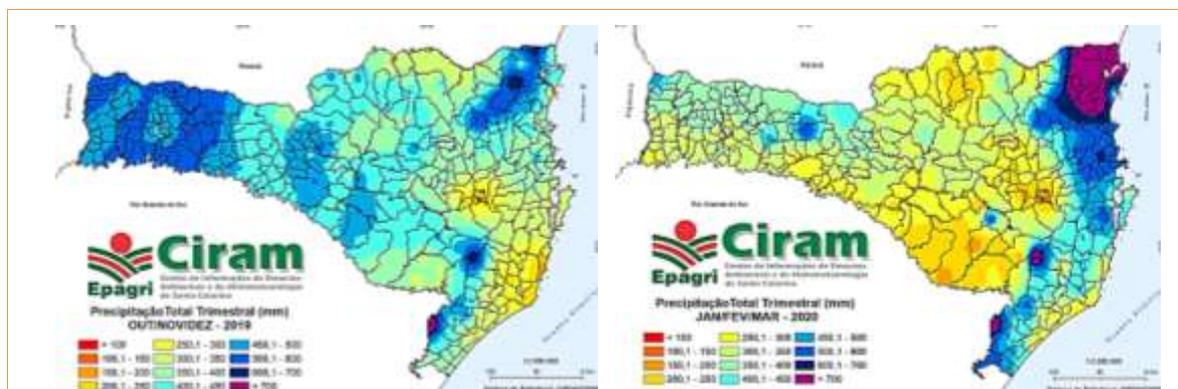


Figura 2. Precipitação total – outubro, novembro e dezembro de 2019 e janeiro, fevereiro e março 2020 em Santa Catarina

Fonte: Epagri/Ciram.

Produção nacional³

Milho primeira safra: com a proximidade do fim da colheita, a produção se confirma em 25,3 milhões de toneladas, 1,5% inferior à safra passada.

Milho segunda safra: crescimento de 4,5% na área de plantio, posicionando-se em 13,5 milhões de hectares, resultando numa estimativa de 75,4 milhões de toneladas.

Prognóstico da safra Norte americana.

A estimativa da área plantada com milho nos Estados Unidos em 2020 é de 97,0 milhões de acres (cerca de 39,2 milhões de hectares), 8% a mais do que 2019⁴, safra que teve sérios problemas climáticos. A possível recuperação da safra americana impacta no mercado internacionais.

³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.7 - Sétimo levantamento, abril 2020.

⁴ Released March 31, 2020, by the National Agricultural Statistics Service (NASS). United States Department of Agriculture (USDA).

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços apresentaram uma reação de 6,88% em relação ao mês anterior e, frente ao mesmo mês da safra passada (março de 2019), registrou alta de 13,2%. No Paraná e Mato Grosso o comportamento foi semelhante, a elevação foi consistente. A diferença dos preços entre os estados está na logística e distância até os portos. Os fatores que influenciaram os preços em março e início de abril foram:

- O dólar em elevação, superando os R\$5,00 na segunda quinzena de março e primeiros dias de abril, o que garante sustentação dos preços no mercado interno,
- a pandemia de coronavírus, que impacta o mercado internacional, refletindo nos preços das commodities em 2020. A preocupação do mercado é quanto tempo se levará para estabilizar e controlar a expansão da doença e, sobretudo o ritmo da economia mundial nos próximos meses.

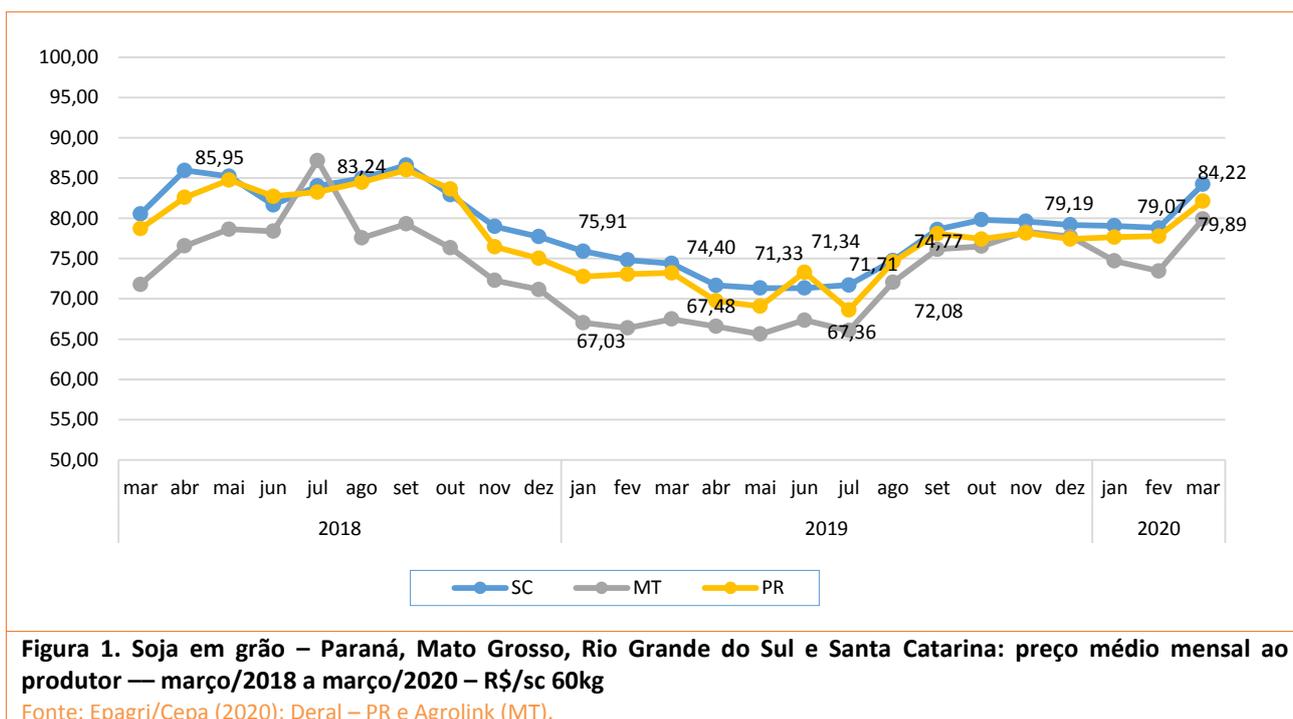


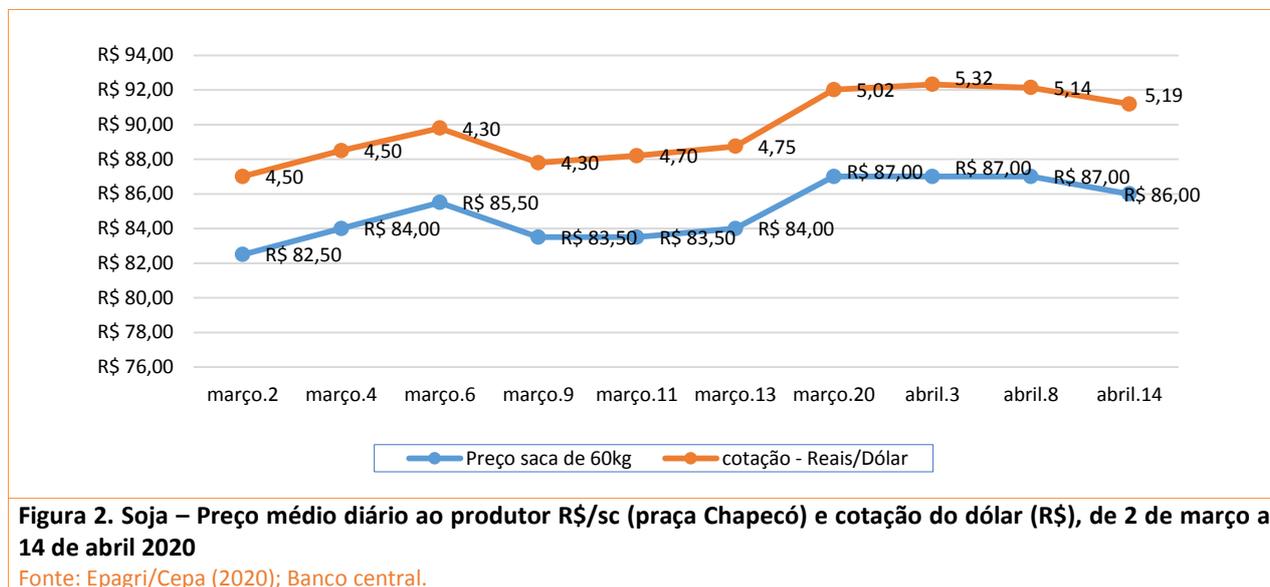
Figura 1. Soja em grão – Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor — março/2018 a março/2020 – R\$/sc 60kg

Fonte: Epagri/Cepa (2020); Deral – PR e Agrolink (MT).

Apesar de apresentar, entre janeiro e fevereiro, um pequeno recuo dos preços médios mensais em março, os preços diários reagiram de R\$82,00/sc (em 2 de março) para R\$87,00 (em 8 de abril), impulsionados pela cotação do dólar no período (Figura 2). As **cotações externas** (CBOT) foram muito mais atingidas pela incerteza global causada pela Covid-19, que pressionou as cotações de todas as commodities de forma generalizada, do que as cotações no mercado interno, que permanecem sustentadas devido às contínuas valorizações da moeda americana, em que pese queda na cotação CBOT desde março até 15 de abril, com recuo em mais de 5%⁵ (contrato maio/2020). A recuperação da China em relação a pandemia e a reação

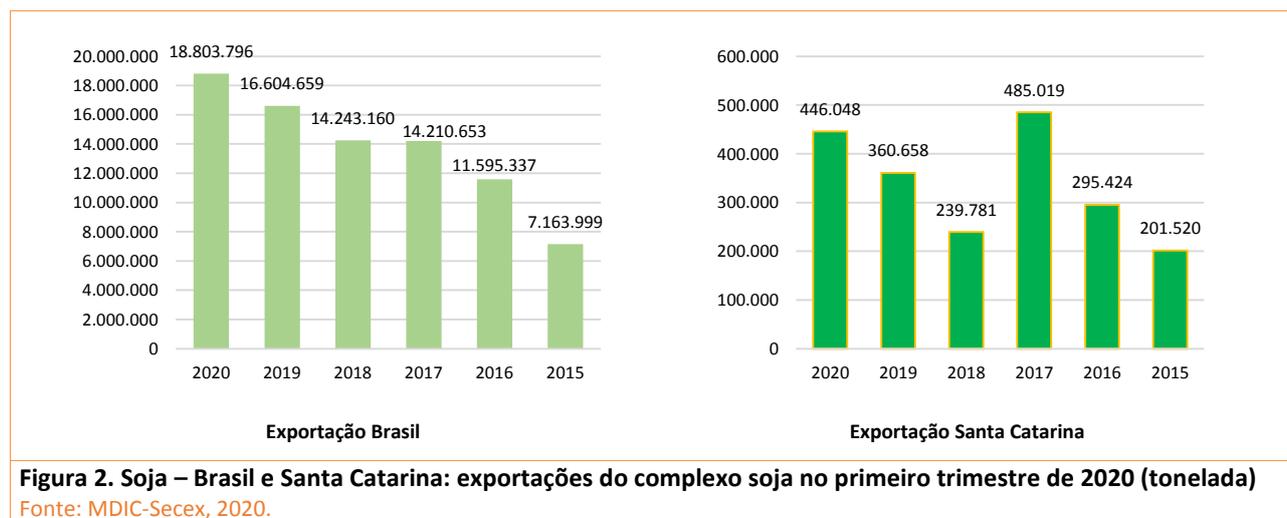
⁵ <https://www.cmegroup.com/trading/agricultural/grain-and-oilseed/soybean.html>

das exportações brasileiras em março também está sendo um fator que contribuiu na fortalecimento dos preços no período mais recente (segunda quinzena de março e início de abril).



Exportações de soja no primeiro trimestre

Os embarques no primeiro trimestre, de mais de 18 milhões de toneladas, foram os maiores registrados no período pelo Brasil, considerando a série avaliada desde 2015. Somente em março foram exportados 11,6 milhões de toneladas, segundo os registros do Ministério da Economia - MDIC⁶. No estado, as exportações também foram expressivas, sendo exportadas mais de 440 mil toneladas no trimestre, o segundo maior valor nos últimos seis anos. O Porto de São Francisco exportou o maior volume no período, registrando embarque de 365 mil toneladas, sendo a principal via do comércio do produto pelo estado.



⁶ <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>.

Acompanhamento da safra 2019/20

A estimativa atual para a safra 2019/20 apresenta um aumento da área em 1,52% em relação ao período 2018/19. A área cultivada é de 687.170 hectares contra 676.858 hectares da safra 2018/19. As regiões que apresentam aumento de área são: Canoinhas, São Bento do Sul, Ituporanga, Rio do Sul, Campos de Lages e Chapecó. A produtividade esperada aponta para a redução de 5,8% na média estadual. A falta de chuvas nas regiões de Curitiba/Campos Novos e Campos de Lages, em especial em janeiro e fevereiro de 2020, impactaram no rendimento, que registram 20,9% e 27,8% de redução na produtividade, respectivamente (Tabela 1). A produção total esperada é de 2,33 milhões de toneladas, 4,4% inferior à safra anterior (108 mil toneladas a menos). A redução só não foi maior em função do aumento de mais de dez mil hectares da área cultivada na atual safra e aos bons rendimentos das lavouras nas Regiões do Oeste, Chapecó, Concórdia e São Miguel do Oeste.

Tabela 1. Soja – Comparativo entre as safras 2018/19 e 2019/20 – Área, produção e produtividade (estimativa mar./2020)

MRG	Safr 2018/19			Safr 2019/20 (estimativa mar./2020)			Variação %		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Quant. (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Produt.	Quant.
Araranguá	530	3200	1696	530	3.185	1.688	0,00	-0,45	-0,45
Campos de lages	59.490	3.621	215.392	62.740	2.612	163.870	5,46	-27,86	-23,92
Canoinhas	130.100	3.769	490.290	135.500	3.682	498.870	4,15	-2,30	1,75
Chapecó	92.300	3.001	276.990	94.245	3.519	331.642	2,11	17,26	19,73
Concórdia	6.575	3.450	22.685	6.200	3.759	23.305	-5,70	8,95	2,73
Criciúma	4.260	3.492	14.874	4.260	3.484	14.842	0,00	-0,21	-0,21
Curitibanos	109.630	4.146	454.497	109.630	3.277	359.247	0,00	-20,96	-20,96
Ituporanga	7.550	3.809	28.755	7.930	3.586	28.440	5,03	-5,83	-1,10
Joaçaba	59.830	3.799	227.307	59.830	3.613	216.163	0,00	-4,90	-4,90
Rio do Sul	5.200	3.929	20.433	5.355	3.652	19.556	2,98	-7,06	-4,29
São Bento do Sul	10.800	3.333	36.000	11.100	3.441	38.190	2,78	3,22	6,08
São Miguel do Oeste	41.143	3.389	139.433	39.120	3.470	135.739	-4,92	2,38	-2,65
Tubarão	400	3200	1280	400	3.200	1.280			
Xanxerê	149.580	3.424	512.226	150.330	3.326	500.024	0,50	-2,87	-2,38
Total Geral	676.858	3.605	2.440.162	687.170	3.395	2.332.856	1,52	-5,82	-4,40

Fonte: Epagri/Cepa. Fevereiro, 2020

Safra 2019/20

Brasil: produção estimada em 122,1 milhões de toneladas, ganho de 6,1% em relação à safra 2018/19. Comparativamente ao levantamento anterior, houve perda de 1,7%, influenciada, sobretudo, pelas condições climáticas desfavoráveis no Rio Grande do Sul⁷.

Safra Norte Americana

Estados Unidos: Em seu 11^o levantamento da safra mundial de soja 2019, o USDA prevê uma produção de 341,8 milhões de toneladas, recuo de 16,9 milhões de toneladas, ou, 4,7% em relação à safra 2018/19.

Para a safra 2020 o prognóstico de área plantada de soja nos Estados Unidos está em 83,5 milhões de acres (cerca de 33,8 milhões de hectares), um aumento de 10% em relação ao ano passado⁸. Estas informações, se consolidadas, pressionam preços internacionais nos próximos meses.

⁷ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.7 - Sétimo levantamento, abril 2020.

⁸ Released March 31, 2020, by the National Agricultural Statistics Service (NASS). United States Department of Agriculture (USDA).

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do trigo continuaram a subir no mês de março. A alta do dólar, a dificuldade de importações dos países vizinhos e o aumento da demanda interna em função da pandemia provocada pelo corona vírus, mantiveram as cotações em patamares elevados. Os produtores catarinenses receberam em média R\$46,36/saca de 60kg, alta de 1,62% em relação aos R\$45,62 recebidos em fevereiro. Em comparação ao mesmo período do ano passado, os produtores estão recebendo 9,6% a mais do que recebiam a um ano atrás. No Paraná, as cotações do trigo pago aos produtores tiveram alta de 6,64% no mês, no Rio Grande do Sul, alta de 2,9% e no Mato Grosso do Sul, incremento nos preços em 7,44%.

Tabela 1. Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2019/20 – R\$/saca de 60kg

Estado	Março/2020	Fevereiro/2020	Variação mensal (%)	Março/2019	Variação anual (%)
Santa Catarina	46,36	45,62	1,62	42,30	9,60
Paraná	54,00	50,64	6,64	48,32	11,80
Rio Grande do Sul	45,70	44,41	2,90	42,14	8,40
Mato Grosso do Sul	51,98	48,38	7,44	43,55	19,40

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (RS e MS), SEAB/Deral (PR). Março, 2020.

O movimento de alta nos preços do trigo iniciou em outubro do ano passado, se equiparando, neste mês de março, aos bons preços praticados entre junho e setembro de 2018. Com isso, a expectativa é que os produtores aumentem a área destinada ao cultivo deste cereal. Essa tomada de decisão também dependerá dos preços dos insumos, que muito provavelmente, terão seus preços reajustados para cima, sobretudo fertilizantes e agrotóxicos, que possuem em sua composição matérias prima importadas.

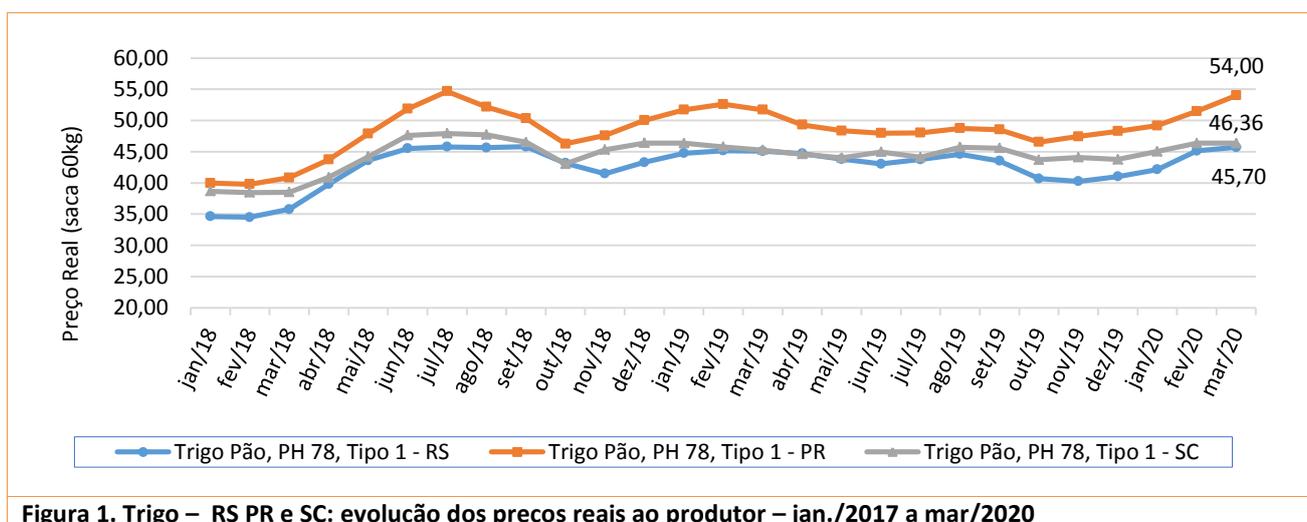
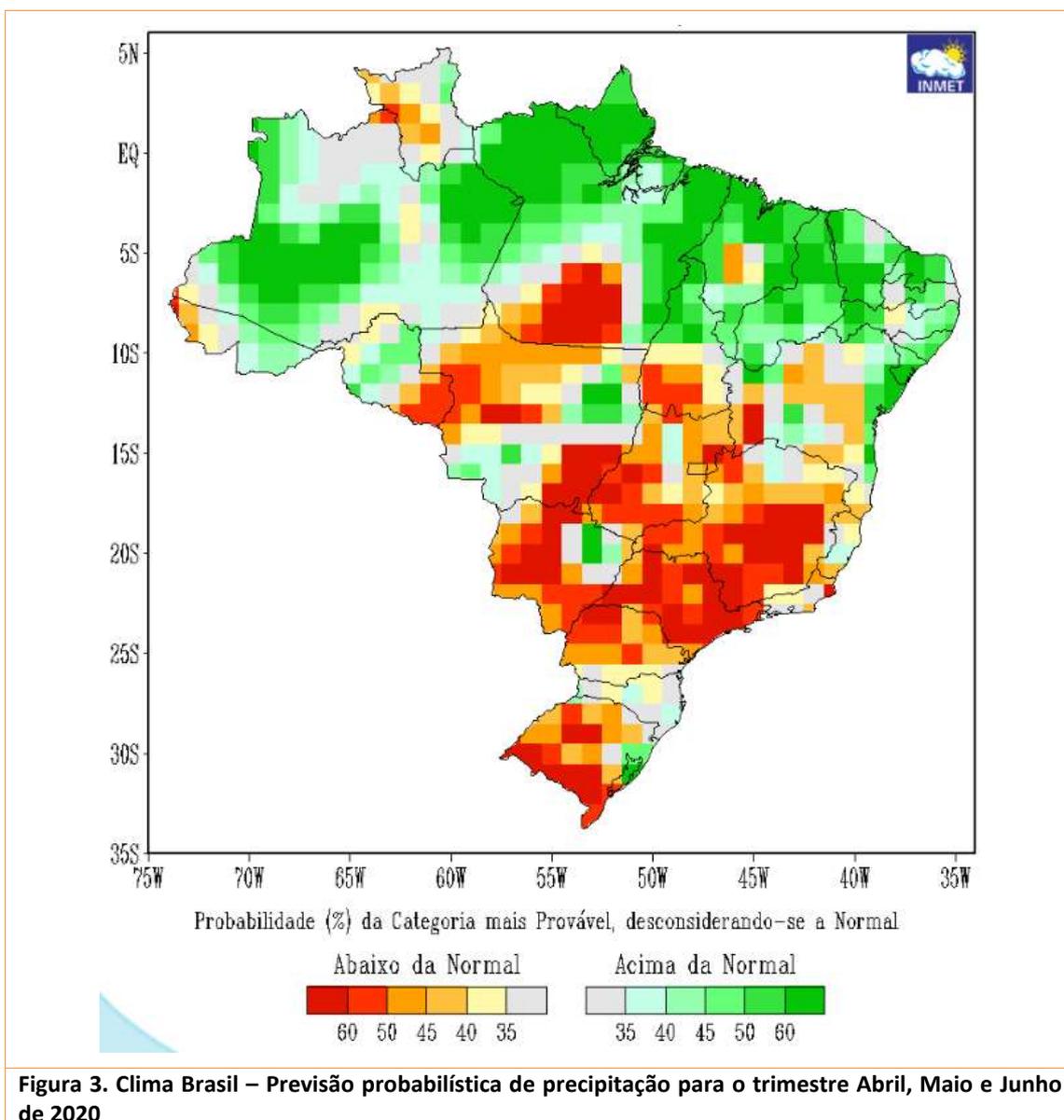


Figura 1. Trigo – RS PR e SC: evolução dos preços reais ao produtor – jan./2017 a mar/2020

Safra

Em Santa Catarina, a safra de trigo normalmente tem início em junho e se estende até meados de julho. Ainda não temos previsão consolidada quanto a intenção de plantio para a safra 2020/2021, mas a expectativa é de aumento em função das previsões nos cenários nacional e mundial de crescimento da demanda por trigo, sobretudo por parte da China e Índia. Em nível nacional, a Conab estima que deverá haver um aumento da área plantada na ordem de 2,4%, passando para 2,09 milhões de hectares. No mundo, segundo dados do Conselho Internacional de Grãos (IGC), a produção de trigo deve crescer para um recorde de 769 milhões de toneladas na temporada 2020/21, impulsionada por um aumento de 2% na área plantada.

O Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) divulgou previsão que indica, para o próximo trimestre, probabilidade de chuvas acima da faixa normal climatológica para Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em relação à temperatura do ar próximo a superfície, a previsão indica maior probabilidade de ocorrência de valores próximos à normal climatológica para todo o país, exceto sobre a região Sul, onde podem predominar temperaturas abaixo do normal devido à entrada de massas de ar frio (ocorrência de geadas).



Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

Mercado permanece aquecido e favorável à comercialização da safra catarinense de alho.

Os produtores catarinenses estão satisfeitos com a comercialização da safra de alho 2019/20, devido aos resultados alcançados até o momento.

Esta safra, mesmo tendo enfrentado alguns problemas climáticos, que exigiram irrigação das lavouras durante o desenvolvimento vegetativo da cultura, a ocorrência concomitante de alguns fatores contribuíram decisivamente para que bons resultados fossem alcançados pelos produtores catarinenses. Dentre estes, pode-se destacar: a renovação da taxa *antidumping* sobre as importações de qualquer tipo de alho oriundo da China, ato do Governo Federal através da Portaria nº 4.593/2019, de 03 de outubro de 2019; a redução da oferta do produto e a consequente recuperação de preços no mercado internacional.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional classe 5 foi comercializado, no final de fevereiro, a R\$17,52/kg, e na primeira semana de março a R\$17,87/kg, aumento de 1,99%.

O alho classe 6, no mesmo período, foi de R\$19,16/kg para R\$19,87/kg, significando aumento de 3,7%, e o alho classe 7 fechou fevereiro a R\$21,87/kg e iniciou março a R\$22,50/kg.

O mês de abril iniciou com preços em alta para todas as classes de alho. No caso do alho roxo nobre nacional tipo 5, o preço no dia 13/04 foi de R\$23,53/kg, o alho classe 6 R\$26,06/kg e o classe 7 foi cotado a R\$28,02/kg.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, no atacado o alho nobre nacional, classes 4 e 5, que foi comercializado em fevereiro a R\$14,50/kg, fechou o mês de março a R\$16,00/kg, aumento de 10,34%

O alho classes 6 e 7 fechou o mês de fevereiro a R\$17,00/kg, passando para R\$18,00/kg no início de março, fechando o mês a R\$20,00/kg, aumento de 17,64% em relação ao final de fevereiro.

Levantamento da Epagri/Cepa indica que os produtores catarinenses estão recebendo de R\$8,00/kg a R\$10,50/kg acima da classe pelo alho toaletado. Isto significa que o alho classe 3 está sendo comercializado entre R\$11,00/kg e R\$13,00/kg, e assim por diante, sendo o alho classe 7 comercializado a R\$17,50/kg.

Produção

A safra catarinense de alho já foi toda colhida, estando em plena comercialização, cujo volume deve estar próximo de 80% do total produzido no estado.

As expectativas da qualidade da safra 2019/20 ficaram um pouco abaixo das expectativas, em função da presença de bulbos indústria e classe 2 em torno de 28%. Porém, as condições favoráveis do mercado estão compensando parcialmente essas perdas.

Ainda em relação à safra 2019/20 em Santa Catarina, a Epagri/Cepa concluiu o fechamento dos números da cultura no estado, cuja área colhida foi de 1.831 hectares e produção de 18.892 toneladas, com

produtividade média de 10,31 toneladas por hectare. Em relação à safra 2018/19, o aumento na produção foi de 6,51% e o ganho em rendimento foi de 41,23%.

Comércio exterior

Em março, a Argentina foi a maior fornecedora de alho para o Brasil, situação que ocorre desde novembro de 2019, seguida pela China. Nos três primeiros meses deste ano, o Brasil importou 51,86 mil toneladas de alho, volume semelhante ao importado nos mesmos meses do ano passado (Tabela 1). Como pode ser visto, a pandemia não alterou a dinâmica do comércio do alho para o Brasil até o momento.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de 2017 a mar. 2020 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,45
2020	20,43	15,07	16,36	-	-	-	-	-	-	-	-	-	51,86

Fonte: Comexstat/ME - abril/2020.

O preço médio do alho importado (FOB), que desde novembro interrompeu a queda que vinha ocorrendo, manteve a recuperação em março, atingindo US\$1,99/kg, o maior valor desde janeiro de 2018 (Figura 1).

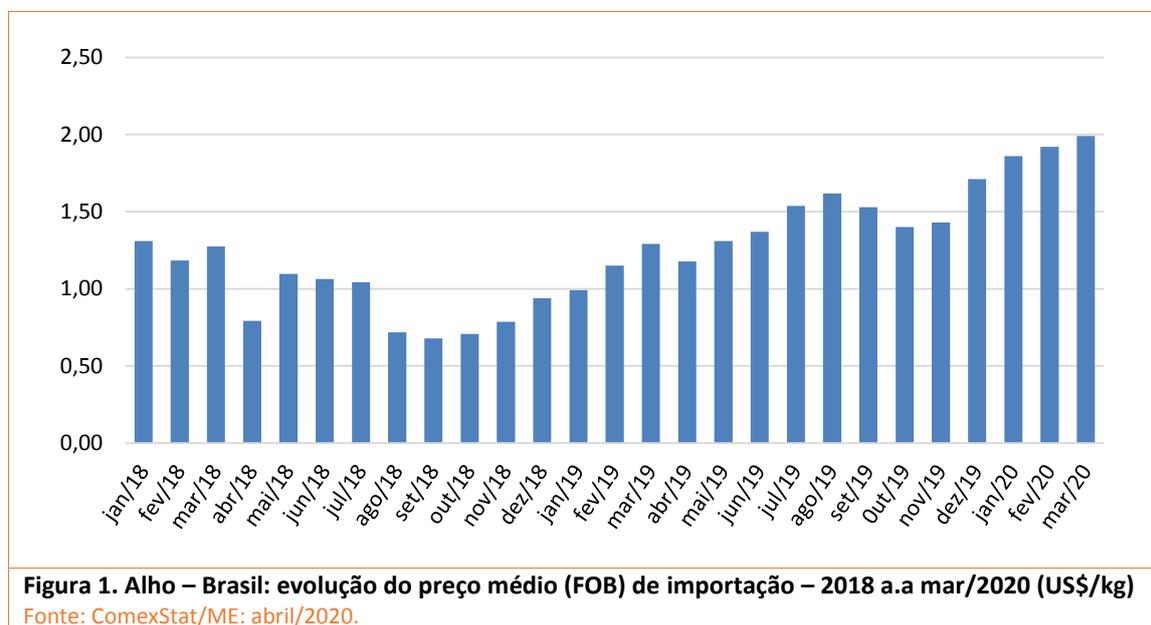


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – 2018 a.a mar/2020 (US\$/kg)

Fonte: ComexStat/ME: abril/2020.

Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho (kg) internalizada pelo Brasil e o desembolso mensal (US\$), considerando os períodos de julho de 2017 a março de 2020.

Como pode ser observado, em janeiro deste ano tivemos o maior volume de importação para o mês desde 2017, com a importação de 20,43 mil toneladas, a um custo de US\$38,01 milhões. Em fevereiro, o volume importado baixou para 15,07 mil toneladas, com desembolso de US\$29,02 milhões e, em março o volume foi de 16,36 toneladas com custo FOB de US\$32,63 milhões.

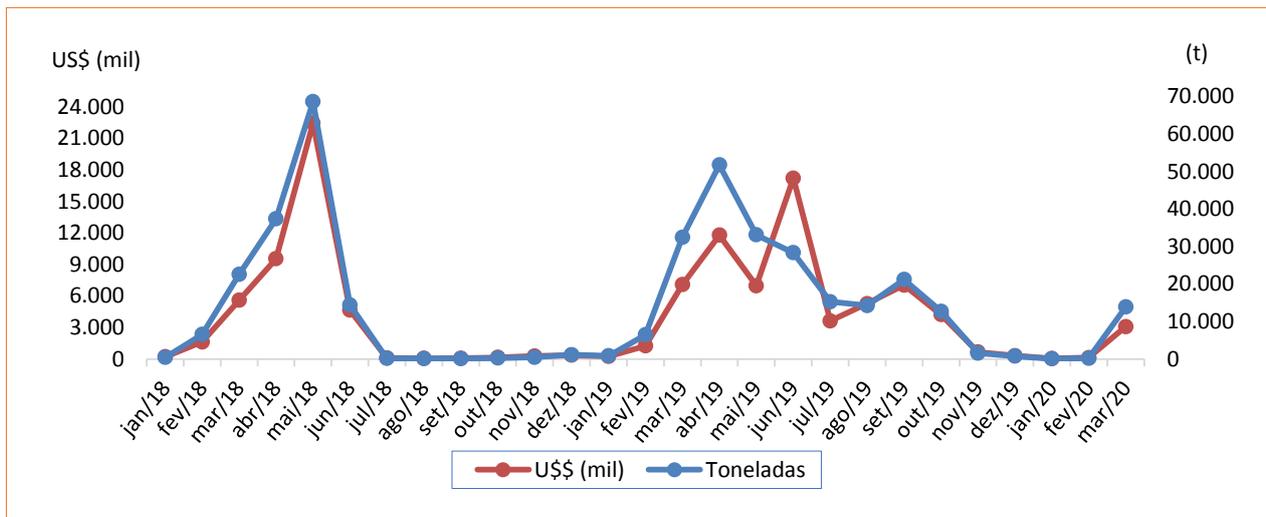


Figura 2. Alho – Brasil: volume e valores da importação mês a mês: jul./2017 a mar./2020

Fonte: ComexStat/ME: abril/2019.

Em março de 2019 o principal fornecedor foi a Argentina, com 11,94 mil toneladas, representando 72,98% do total importado. A China forneceu 3,27 mil toneladas, ou 19,99%, enquanto que Espanha, Chile, Peru, Egito e Bolívia contribuíram com apenas 7,03% do volume, significando 1,14mil toneladas do total importado.

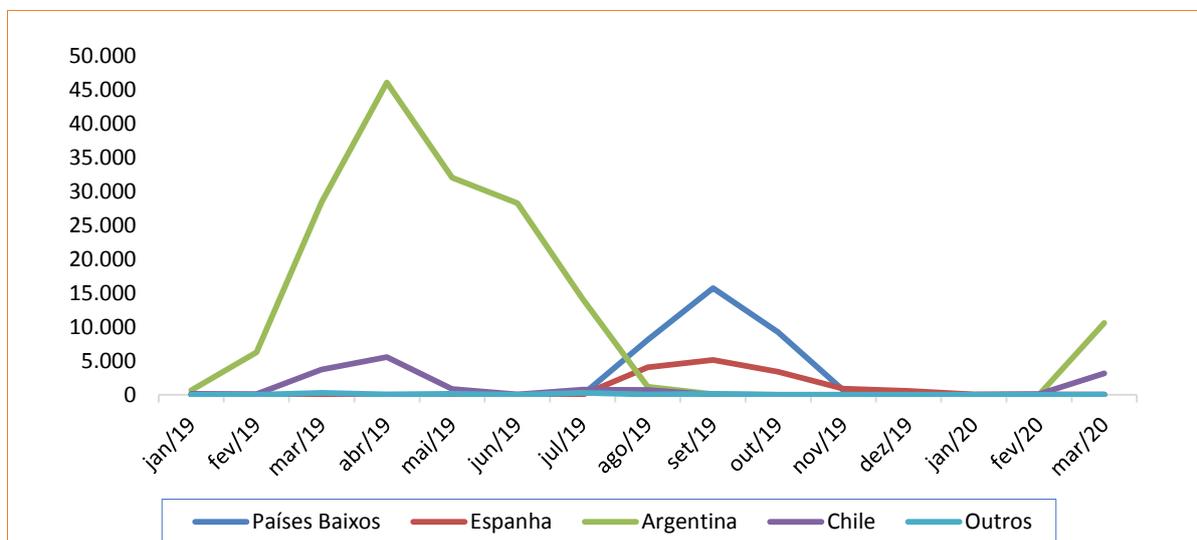


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores (kg) – 2019 a mar./2020 (tonelada)

Fonte: Comexstat/ME: abril/2020.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

A produção catarinense foi a principal fornecedora de cebola para o mercado nacional em março, pois o Nordeste continuou com dificuldades de oferta em função do excesso de chuvas, que dificultou a colheita naquela região.

A comercialização da safra catarinense foi impactada pelas adversidades ocasionadas pela quarentena, que reduziu as atividades comerciais, especialmente nas principais Centrais de Abastecimento do país, como na CEAGESP, que teve redução de até 70% em suas atividades diárias. O volume comercializado da safra se aproxima de 90%, de uma estimativa de disponibilidade líquida para comercialização de 452.278 toneladas, segundo a Epagri/Cepa.

Preço

O preço de comercialização da cebola nesta safra teve grande variação. Em Santa Catarina, a comercialização foi aberta a R\$0,68/kg, baixando para R\$0,60/kg no início de janeiro, ficando bem abaixo da estimativa do custo de produção médio para o estado, que é de R\$0,80 a R\$1,00/kg, dependendo da produtividade e da gestão de custos do produtor.

Em fevereiro, os preços tiveram alguma melhora, alcançando no final do mês R\$0,91/kg. Porém, em março a recuperação foi mais forte, puxada pela conjuntura da região Nordeste e pela baixa importação.

Segundo levantamento da Epagri/Cepa, os produtores catarinenses iniciaram o mês de março com preço da cebola classe 3 a R\$1,00/kg. No final da primeira quinzena, passaram a receber de R\$1,20/kg a R\$1,55/kg, fechando o mês a R\$2,20/kg nas regiões de Rio do Sul e Ituporanga. Como pode ser visto, a pandemia do Coronavírus alterou o ritmo de escoamento da produção, mas não afetou o preço ao produtor, que atingiu o melhor patamar até o momento.

Na Ceagesp/SP, cujo fluxo geral de comercialização foi bastante afetado pela Covid19, com a paralização das atividades em diversos dias do mês, o bulbo foi comercializado na primeira semana de março a R\$2,77/kg, aumento de 58,28% em relação ao início de fevereiro. Nesta semana, a Central abriu com aumento nos preços em relação à semana passada, chegando a R\$2,88/kg, ou + 3,97% em relação ao início do mês.

No atacado da Ceasa/SC (Unidade de São José, SC), em março os preços reagiram positivamente, puxados pela baixa oferta nacional. O preço, que no início de março estava a R\$1,65/kg, passou a R\$2,75/kg no dia 01 de abril, aumento de 66,66% no período. Nesta semana, o preço da cebola classe 3 se mantém a R\$2,50/kg.

Safra catarinense

A Epagri/Cepa concluiu o fechamento dos números da safra de cebola 2019/20, indicando que o estado colheu 532 mil toneladas da hortaliça, em 18.182 hectares, alcançando uma produtividade média de 29,2 toneladas por hectare. Este montante permitiu colocar no mercado uma comercialização líquida de 452,2 mil toneladas.

O levantamento de campo da Epagri/Cepa indica que aproximadamente 10% da produção ainda não foi comercializada até o momento, com tendência que até o final do próximo mês a comercialização seja finalizada.

Em termos de perspectivas para a próxima safra, cujo início é eminente, de forma geral os produtores estão apreensivos em relação à mão-de-obra, pois grande parte dos trabalhadores contratados vêm de fora do estado. Com isso, as limitações sanitárias decorrentes da pandemia deixam dúvidas de como proceder no caso de prolongamento da quarentena.

Comércio exterior

Em março, foram importadas apenas 13,86 toneladas de cebola, provenientes da Argentina, Chile e Holanda (Figura 1), com valor total desembolsado (FOB) de US\$3,08 mil. O preço médio (FOB) foi de US\$0,22/kg, enquanto em fevereiro foi de US\$0,59/kg, redução de 62,7 %.

A melhoria do preço interno, em março, ocasionou a retomada das importações (Figura 1), porém atingiram apenas 61,47% do volume de março de 2019

Este volume de entrada de cebola no Brasil se deu graças a retomada das exportações pela Argentina, que apresentava proibição decorrente da pandemia.

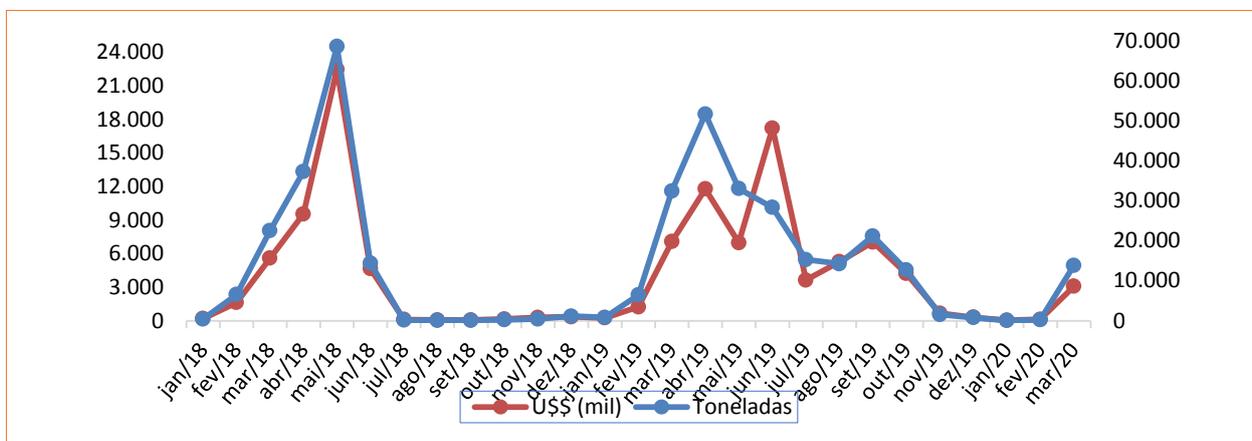


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mês a mês – 2018 e março 2020

Fonte: Comexstat/ME – abril/2020.

O principal fornecedor de cebola para o Brasil no mês de março foi a Argentina, com 10,63 mil toneladas, ou 76,69% do total, seguida pelo Chile, com 3,16 mil toneladas e os Países Baixos., com apenas 58t (Figura 2).

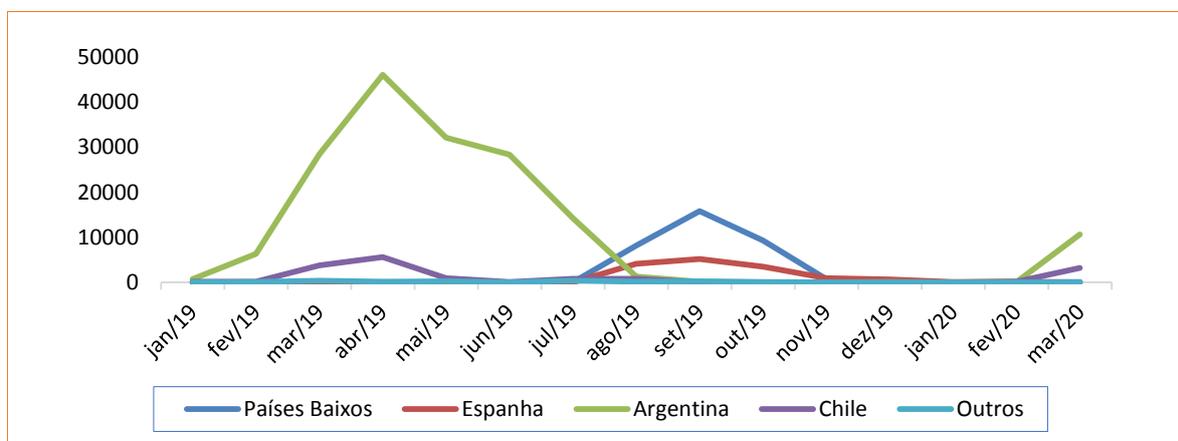


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado segundo os principais países fornecedores – 2019 e março 2020 (tonelada)

Fonte: Comexstat/ME – abril/2020.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de abril, o preço do frango vivo apresentou comportamentos distintos em alguns dos principais estados produtores. No Paraná e em Santa Catarina, o preço preliminar de abril permaneceu estável em relação a fevereiro (-0,3% e 0,0%, respectivamente), enquanto em São Paulo registrou-se queda de 16,3% no mesmo período. Esses comportamentos são explicados pelo perfil da atividade em cada um dos estados. No Paraná e em Santa Catarina, predomina o sistema de integração, em que a relação entre o produtor e a agroindústria é regida por contratos previamente celebrados, o que, no curto prazo, torna os preços menos susceptíveis a flutuações. Em São Paulo, por sua vez, há uma grande presença de produtores independentes, o que faz com que os preços sejam afetados de forma mais rápida e abrupta pelas mudanças conjunturais.

A pandemia de coronavírus, que atinge praticamente todos os países do mundo e que, no Brasil, se fez sentir de forma mais intensa a partir de meados de março, provoca uma série de efeitos sobre o mercado de carnes. Num primeiro momento, houve elevação na demanda, já que muitos consumidores adquiriram grande quantidade para fazer estoques domésticos. Contudo, posteriormente, com o fechamento da maioria dos restaurantes e lanchonetes, observou-se uma redução na demanda da maioria das carnes, embora com intensidades distintas, de acordo com o tipo de produto. Por ora, pairam incertezas sobre o comportamento do mercado nos próximos meses, já que, não obstante algumas projeções, não é possível determinar com precisão a duração e extensão da pandemia.

Na comparação com os preços praticados em abril de 2019, também se verificam situações distintas nos estados analisados: Paraná e Santa Catarina apresentam altas de 6,0% e 5,8%, respectivamente, enquanto São Paulo registra queda de 32,1%⁹. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 3,3%, de acordo com o IPCA/IBGE.

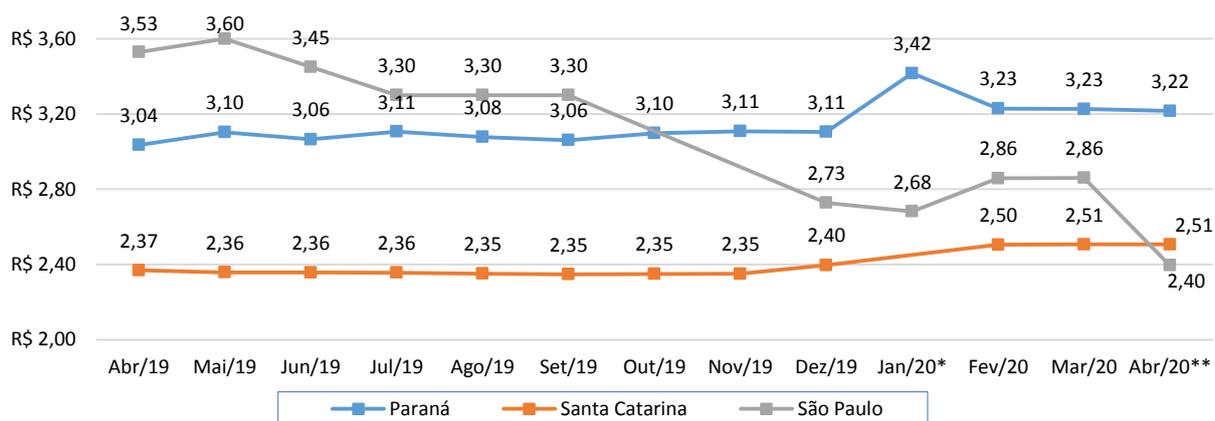


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio nominal mensal pago aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Preço de janeiro/2020 de Santa Catarina não disponível.

** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/abr./2020.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

⁹ É importante destacar que, em fins de 2019, o Instituto de Economia Agrícola de São Paulo alterou sua metodologia de coleta de dados, o que prejudica a comparação entre os dois períodos naquele estado.

Nas três praças de levantamento de preços em Santa Catarina, a média das duas primeiras semanas de abril manteve-se inalterada em relação a março. Na comparação com os preços praticados em abril de 2019, as variações são positivas em todas as praças: 5,4% em Chapecó, 8,3% em Joaçaba e 3,9% no Sul Catarinense.

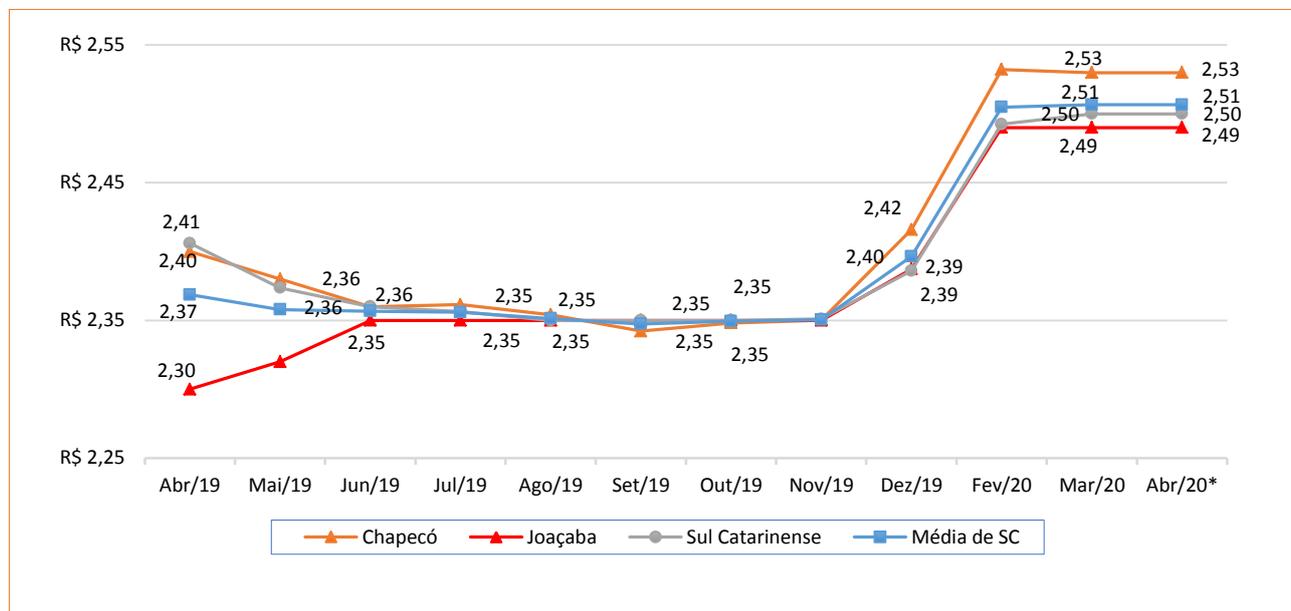


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/abr./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Assim como observado em março, os preços preliminares das duas primeiras semanas de abril registraram predominância dos movimentos de alta no mercado atacadista. Dentre os quatro cortes incluídos no levantamento da Epagri/Cepa, três apresentaram variação positiva nos preços preliminares de abril em relação a março: coxa/sobrecoxa congelada (4,3%), peito com osso congelado (1,4%) e frango inteiro congelado (1,3%). O filé de peito congelado apresentou queda de 1,3%. A variação média dos quatro cortes foi de 1,4%.

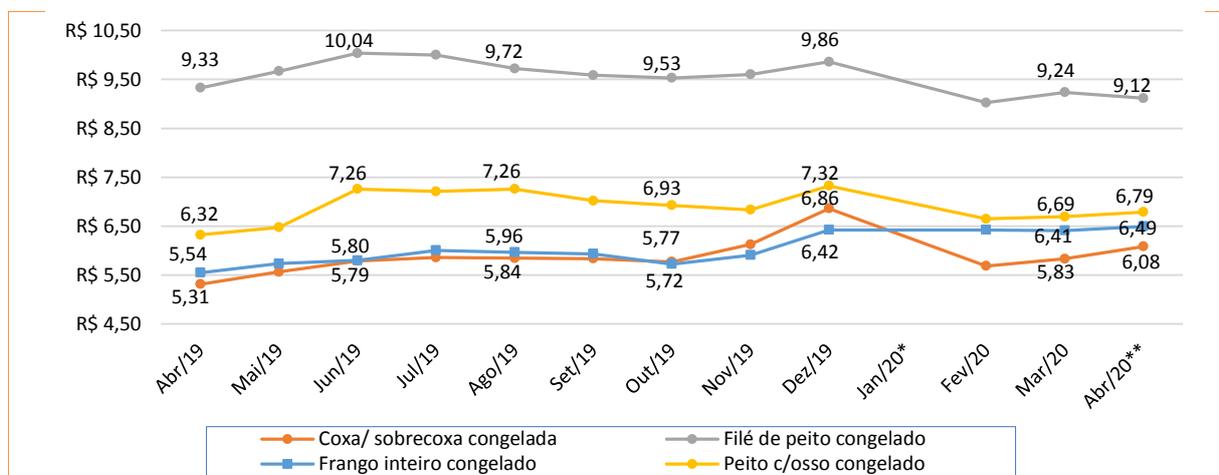


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: Atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Preços do mês de janeiro/2020 não disponíveis.

** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/abr./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Esperava-se alterações menores ou até mesmo preços declinantes, tendo em vista a redução da demanda apontada por diversos especialistas. Mas é possível compreender melhor esse cenário quando se analisa os preços semanais desses produtos.

Conforme demonstra a figura 4, até meados de março predominava a tendência de queda, movimento iniciado após o pico de preços em dezembro de 2019. Contudo, a partir da 2ª semana de março começa a se observar a inversão nesse processo. Esse período coincide com a elevação no número de casos de infectados pelo coronavírus no Brasil e a adoção de medidas restritivas, o que gerou um pico pontual de demanda que estimulou essas mudanças nos preços. Nas semanas seguintes, esse movimento se mostrou menos intenso e relativamente estabilizado. Os dados da semana 15 (anterior à Páscoa) demonstram quedas em quase todos os cortes.

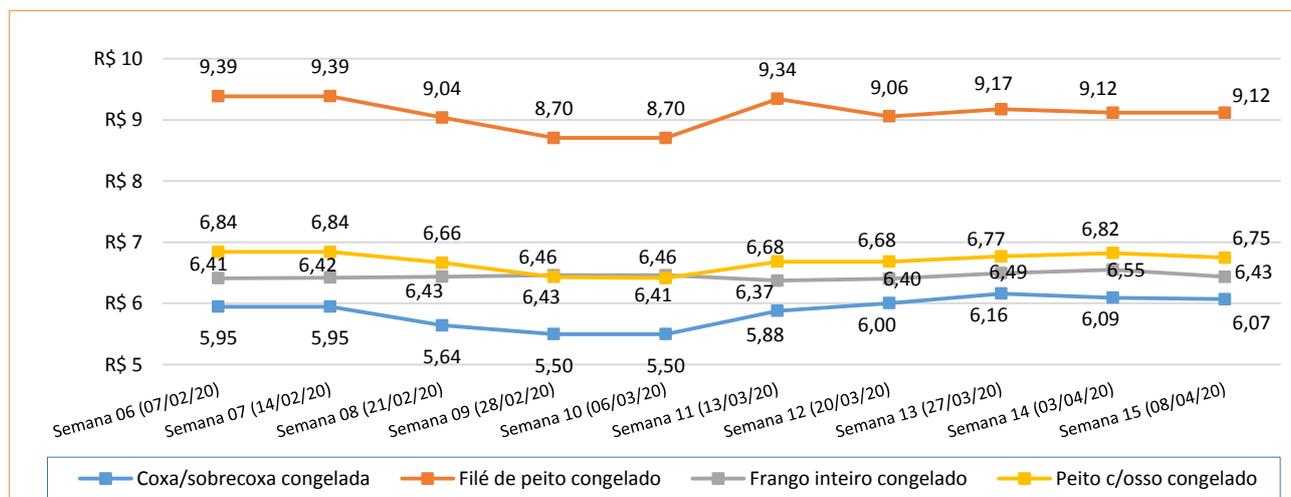


Figura 4. Carne de frango – Santa Catarina: Atacado – preço médio semanal estadual (R\$/kg)

* Preços do mês de janeiro/2020 não disponíveis.

** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/abr./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores preliminares de abril e o mesmo mês de 2019, verificam-se situações distintas entre os diversos cortes, mas com predominância de variações positivas. O frango inteiro apresentou alta de 17,1%, enquanto a coxa/sobrecoxa subiu 14,5% e o peito com osso aumentou 7,4%. O filé de peito, por sua vez, caiu 2,3% no mesmo período. Na média dos quatro cortes, a variação foi de 9,2%.

De forma geral, o mercado atacadista da carne de frango apresenta situação de acomodação dos preços na maioria dos estados. Esse cenário decorre das incertezas, tanto em relação à demanda numa situação de isolamento social, quanto à duração e abrangência da crise sanitária, conforme já mencionado anteriormente. No curto prazo, o fechamento da maioria dos restaurantes, hotéis e demais serviços de alimentação reduziu a demanda de carne para esses setores, por um lado. Por outro, aumentou o consumo doméstico de carne de frango, o que minimiza os impactos decorrentes das restrições de funcionamento.

Corroborando essa análise, relatório sobre os impactos da Covid-19 na produção agropecuária, elaborado pela Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento de São Paulo, aponta que houve aumento no consumo de carne de frango congelada no final de março e início de abril naquele estado.

Diversos analistas e representantes do setor acreditam que, após o pico da pandemia, deve se observar um crescimento na demanda, já que o aprofundamento da recessão econômica estimula o consumo de proteínas economicamente mais acessíveis, como é o caso da carne de frango.

Custos

Em março, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 4,2% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, o índice acumula alta de 13,4%, decorrente, principalmente, da elevação dos custos com nutrição (12,4%), seguidos pela mão de obra (0,6%).

O valor preliminar da relação de equivalência insumo-produto¹⁰ nas duas primeiras semanas de abril não variou na comparação com o mês anterior. Esse resultado é decorrente da estabilidade nos preços do frango vivo e do milho no atacado, ambos na praça de Chapecó. Contudo, quando se analisa os preços semanais do cereal, percebe-se um movimento de alta no início de março, fazendo com que o produto atingisse seu pico na 3ª semana, com quedas nas semanas seguintes. Ao calcular as médias mensais, contudo, os valores dos dois meses (março e abril) resultam idênticos.

O valor atual está 26,1% acima daquele registrado em abril de 2019.

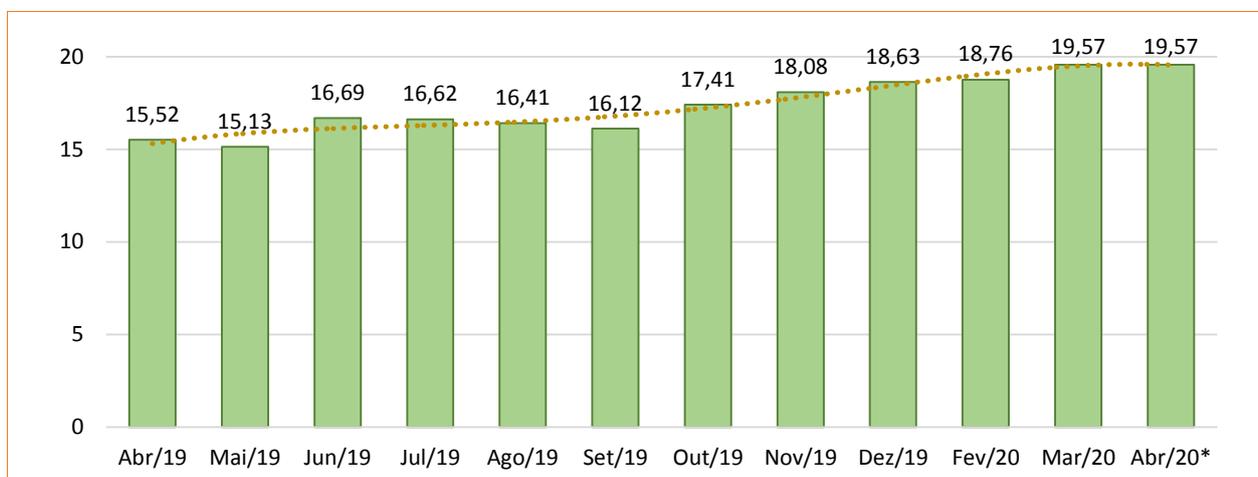


Figura 5. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir uma saca de milho – Kg de frango vivo/ sc de milho (60kg)

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2020.

* O valor de abril é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/abr./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em março, o Brasil exportou **343,69 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), volume **0,2%** superior ao mês anterior e **2,9%** acima de março de 2019.

As receitas, por sua vez, foram de **US\$546,06 milhões**, queda de **0,3%** em relação ao mês anterior e de **1,6%** na comparação com março de 2019.

¹⁰ A relação de equivalência insumo-produto indica quantos quilos de frango vivo são necessários para comprar uma saca de 60kg de milho.

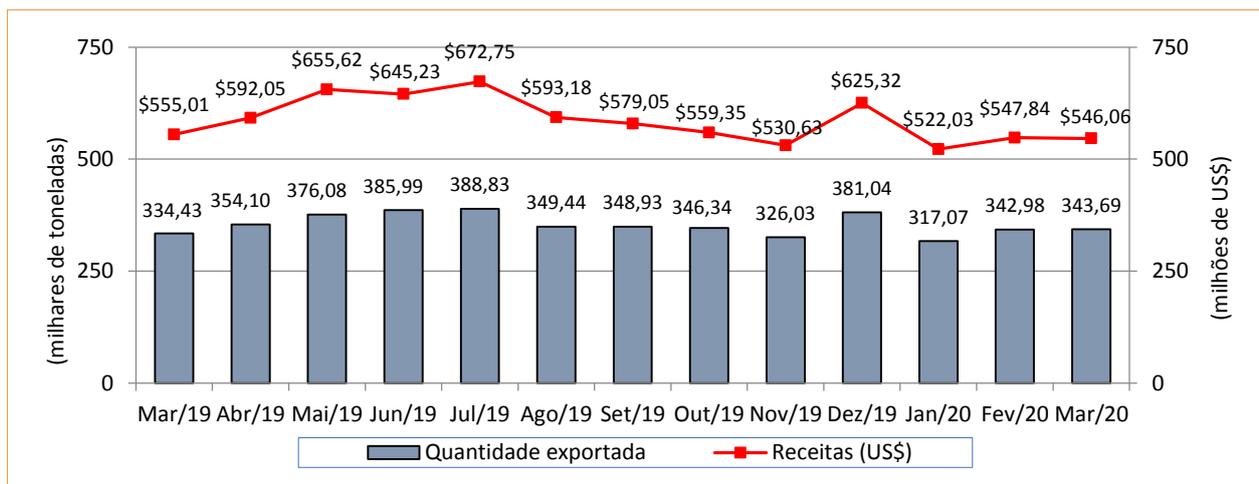


Figura 6. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No primeiro trimestre deste ano, o Brasil exportou **1 milhão de toneladas** de carne de frango, com **US\$1,62 bilhão** em receitas. Na comparação com o mesmo período de 2019, registra-se alta de **6,4%** nas receitas e **9,3%** na quantidade.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango deste ano são China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Holanda, responsáveis por 55,3% das receitas do período.

De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas duas primeiras semanas de abril (7 dias úteis), a média diária de embarques de carne de frango *in natura* apresentou alta em relação ao mesmo mês de 2019: 0,9% em valor e 9,7% em quantidade. Essa diferença entre os dois índices deve-se, principalmente, à queda no preço da tonelada de carne de frango no mercado internacional, observada ao longo dos últimos meses.

Santa Catarina exportou **85,63 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em março, **queda de 2,8%** em relação ao mês anterior e de **29,5%** na comparação com março de 2019.

As receitas, por sua vez, foram de **US\$143,24 milhões**, **queda de 4,8%** em relação a fevereiro e de **32,5%** na comparação com março de 2019.

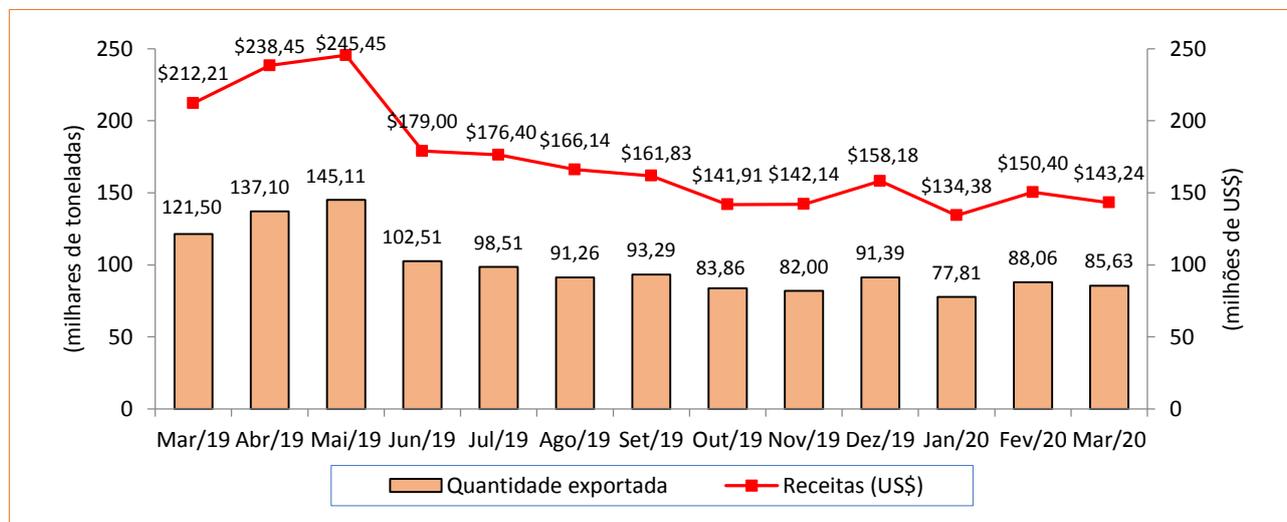


Figura 7. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em março foi de **US\$1.607,28/tonelada**, queda de **6,2%** em relação à média registrada no mesmo mês de 2019 e **1,8%** abaixo do valor de fevereiro.

No primeiro trimestre, Santa Catarina exportou **251,51 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$423,03 milhões**, **-27,2%** em quantidade e **-28,5%** em valor, quando comparado ao mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **26,5%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano, participação inferior à média do ano passado (31,7%).

A Tabela 1 apresenta os principais destinos da carne de frango catarinense neste ano, os quais responderam por 55,6% do valor e 50,7% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º trimestre/2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	73.495.612,00	38.552
China	65.196.016,00	32.883
Emirados Árabes Unidos	34.267.885,00	19.471
Arábia Saudita	33.040.012,00	19.769
Países Baixos (Holanda)	31.897.717,00	16.867
Demais países	190.133.442,00	123.963
Total	428.030.684,00	251.505

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos do frango catarinense, a maioria apresentou variação negativa na comparação entre fevereiro e março, com destaque para os dois principais: Japão (-10,4% em valor e -5,8% em quantidade) e China (-2,2% e -3,6%). Quanto às variações positivas, as mais expressivas foram observadas nos embarques para a Arábia Saudita (33,9% em valor e 42,1% em quantidade) e Holanda (19,3% e 8,2%).

Quando se leva em consideração o acumulado no primeiro trimestre, o cenário é mais crítico. Dos dez principais destinos, somente dois registraram variação positiva em termos de valor na comparação com o mesmo período de 2019: China (7,6%) e Alemanha (25,5%). Dentre os demais, destacam-se as quedas observadas no Japão (-22,0% em valor e -21,9% em quantidade), Emirados Árabes Unidos (-41,8% e -43,0%) e Arábia Saudita (-40,5% e -38,2%).

Para os próximos meses, há expectativa de que o ritmo dos embarques volte a crescer, principalmente em razão da possível intensificação das aquisições da China, que recentemente conseguiu controlar o surto de coronavírus que afetava o país desde o janeiro. Não obstante tal expectativa, a habilitação de novos frigoríficos para exportação àquele país encontra-se paralisada, em decorrência da pandemia de Covid-19. De acordo com o secretário de assuntos internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, novas habilitações são pouco prováveis até que o surto da doença no Brasil diminua. A situação não afeta as unidades já habilitadas.

Por outro lado, no início de abril o Egito habilitou 42 plantas frigoríficas brasileiras para exportarem carnes para o país, sendo 27 de frango e 15 de bovinos. Dentre os abatedouros de frangos habilitados, dois estão localizados em Santa Catarina: Itaiópolis e Guatambú.

Coronavírus

O primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi confirmado no final de fevereiro. Contudo, a situação começou a se agravar a partir meados de março, quando o número de casos aumentou significativamente e diversos

estados, inclusive Santa Catarina, decretaram situação de emergência e suspenderam aulas, atividades e serviços privados não essenciais, serviços públicos não essenciais, circulação de veículos de transporte coletivo, dentre outras medidas (Decreto no 515, de 17 de março de 2020).

Um dos efeitos de tais medidas sobre o setor de carnes foi um rápido aumento da demanda por esses produtos nos primeiros dias após a declaração da situação de emergência, já que parte da população buscou estocá-los em casa. Como isso, observou-se uma pequena elevação nos preços de atacado durante a 2ª quinzena de março, com posterior estabilização.

Até a data de finalização deste boletim, os abatedouros de aves e suínos continuavam funcionando normalmente, não havendo registro de nenhuma unidade fechada por questões diretamente relacionadas ao coronavírus no país. Por outro lado, de acordo com informações divulgadas pela mídia, cerca de 9 mil trabalhadores das agroindústrias catarinenses teriam sido afastados preventivamente por conta da Covid-19. Em sua maioria, tratam-se de idosos, grávidas ou pessoas incluídas em outros grupos de risco, além de trabalhadores que apresentavam algum sintoma relacionado à doença, conforme informou um dirigente da Associação Catarinense de Avicultura. Contudo, isso não afetou os abates, já que houve também ajustes temporários no mix de produtos das agroindústrias, priorizando-se os cortes mais baratos e menos elaborados, que demandam menos mão de obra, afirmou o dirigente.

Por enquanto, a chegada da Covid-19 no Brasil ainda não afetou as exportações de carnes do país, já que praticamente todos os elos da cadeia produtiva seguem trabalhando normalmente (indústrias de insumos, produtores, abatedouros, transportadores e portos, entre outros). No início de abril, uma agência de classificação de risco emitiu nota indicando que o setor de proteína animal brasileiro está entre os setores com baixa exposição à crise global causada pela pandemia do coronavírus.

Por outro lado, o recente fechamento de alguns abatedouros nos Estados Unidos em decorrência da confirmação de casos de Covid-19 entre os funcionários, acende um sinal de alerta para o setor de carnes no Brasil e reforça a necessidade de que se adotem todos os cuidados necessários para evitar a proliferação do vírus.

Em relatório publicado no final de março, o Rabobank também chama a atenção para o cenário de incertezas decorrentes da situação que o Brasil deve enfrentar no próximos meses. O banco destaca que, se por um lado as perspectivas para a carne de frango são favoráveis no médio prazo, no curto prazo as questões de logística e disponibilidade de mão de obra, decorrentes da doença, podem afetar a oferta desse produto nos próximos meses. O relatório do Rabobank ainda aponta que a disseminação do coronavírus pelo mundo acrescenta incertezas em um mercado que já é bastante volátil. Depois de superada a pandemia, será necessário uma rearticulação do setor, levando em conta o novo cenário global que provavelmente será constituído.

Sem desconsiderar os riscos apontados pelo Rabobank, grande parte dos analistas avalia que a carne de frango é a proteína animal que pode ser mais favorecida por um cenário de retração na economia brasileira e mundial, principalmente por sua competitividade econômica em relação às demais carnes. Por outro lado, a depender da gravidade da crise, uma redução acentuada no consumo de proteínas de origem animal pode afetar inclusive o frango.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de um pico de elevação em dezembro de 2019 e da posterior queda acentuada em janeiro, em fevereiro voltou a se observar predominância de altas nos preços do boi gordo na maioria dos principais estados produtores. Em março, parecia que essa tendência se repetiria, dada as variações positivas nos preços diários da primeira quinzena. Contudo, com o aumento no número de casos de Covid-19 a partir de meados daquele mês, a situação se alterou significativamente. Dos oito estados analisados, sete registraram variação negativa, num intervalo de -0,2% a -1,8%, na comparação entre março e fevereiro. A única exceção foi o Paraná, com alta de 1,5%.

De acordo com os preços preliminares de abril, o movimento de queda não apenas se manteve, como foi intensificado. Na comparação com os preços de março, variações negativas são registradas em seis dos sete¹¹ estados analisados: -2,6% no Mato Grosso, -2,5% em Goiás, -2,3% no Mato Grosso do Sul, -2,0% no Paraná, -1,2% em Minas Gerais e -1,1% em São Paulo. O único estado que registrou variação positiva foi Santa Catarina, com 1,3%.

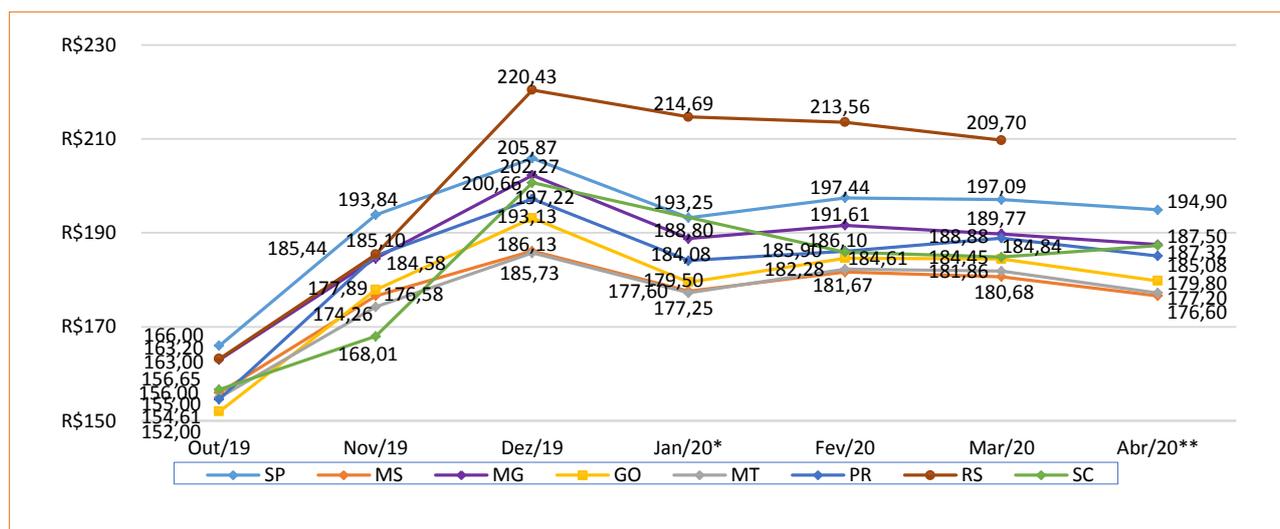


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Preço de janeiro/2020 não disponível para o estado de Santa Catarina.

** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/abr./2020. Os preços referentes ao RS não haviam sido divulgados até a finalização deste boletim.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Por outro lado, não obstante as quedas das últimas semanas, as médias atuais encontram-se significativamente acima dos valores registrados em abril de 2019 em todos os estados analisados: 27,0% em Minas Gerais, 25,9% em Goiás, 25,6% no Mato Grosso, 24,1% em São Paulo, 24,0% no Mato Grosso do Sul, 22,5% no Paraná e 22,0% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 3,3%, segundo o IPCA/IBGE.

Diferentemente do que se observou no restante do país, em Santa Catarina, as duas praças de referência para o preço do boi gordo apresentaram movimentos de alta nas últimas semanas. Em Lages, a média preliminar de abril está 4,4% acima do preço médio do mês anterior, enquanto Chapecó registra alta de 6,6%. A média estadual variou 1,3% no mesmo período.

¹¹ Até a finalização deste boletim, não haviam sido divulgados os preços do mês de abril referentes ao estado do Rio Grande do Sul.

Um dos fatores que pode explicar a situação diferenciada observada em Santa Catarina é a estiagem que atinge o estado há alguns meses. O baixo volume de chuvas ocasiona perda de qualidade das pastagens e, com isso, reduz o ritmo de engorda dos animais, resultando na menor disponibilidade de bovinos prontos para o abate.

Quando se compara a média das primeiras semanas de abril com o mesmo mês de 2019, as variações são significativas em ambos os casos: 16,2% em Chapecó e 13,9% em Lages.

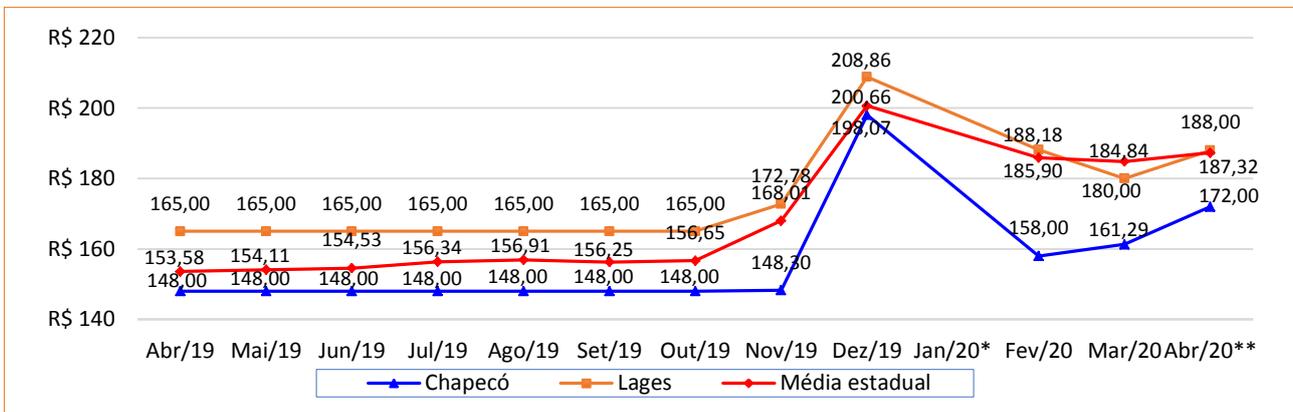


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/abr./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Seguindo a tendência observada desde o início deste ano, o mercado atacadista de Santa Catarina apresenta relativa acomodação, com leve tendência de alta. Na comparação com os valores de março, a média preliminar das duas primeiras semanas de abril apresenta alta de 1,3% para a carne de dianteiro e de 0,3% para a de traseiro. Esses percentuais de variação distintos estão associados ao fato de que, em situações de crise econômica, há uma maior demanda por cortes de menor valor, como é o caso dos cortes de dianteiro. No curto prazo, o fechamento de restaurantes, hotéis e outros estabelecimentos resulta em uma menor demanda por cortes nobres, o que pode contribuir para uma acomodação ou eventual queda de preços.

Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em abril de 2019, as altas são significativas em ambos os casos: 46,6% na carne de dianteiro e 27,7% na carne de traseiro.

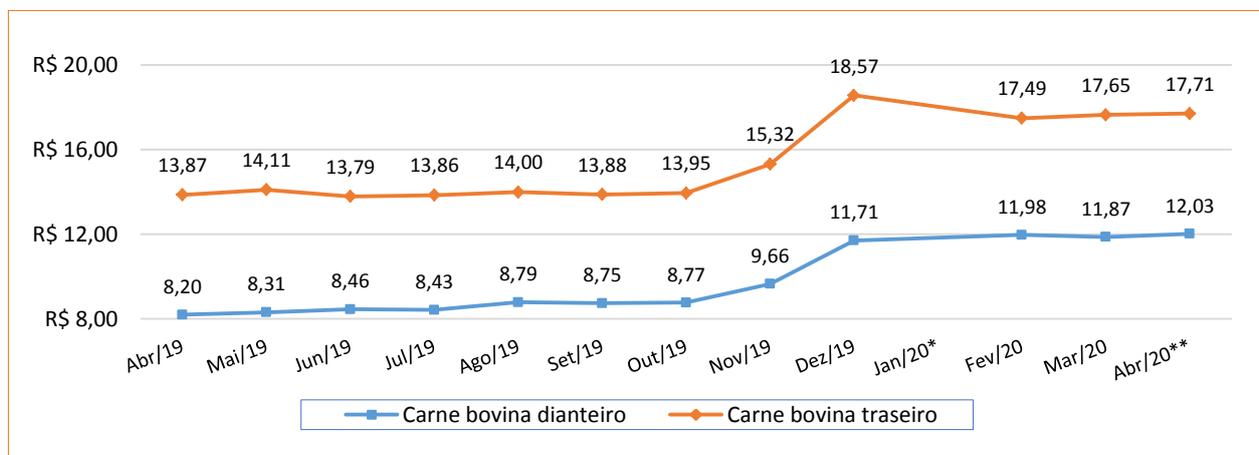


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

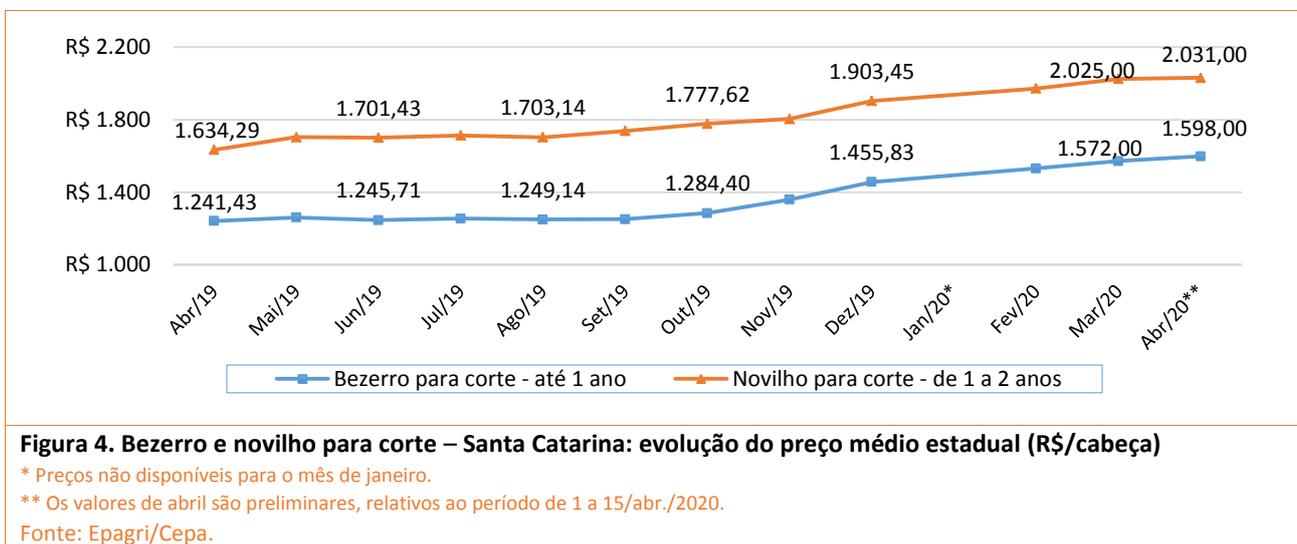
** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/abr./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresenta tendência de alta desde setembro de 2019. Nas primeiras semanas de abril não foi diferente, registrando-se variações positivas nas duas categorias: o preço médio preliminar dos bezerros para corte de até 1 ano subiu 1,7% na comparação com março, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos apresentaram alta de 0,3%. Embora as variações sejam positivas, percebe-se uma desaceleração no ritmo de alta que vinha sendo observado nos meses anteriores. Essa situação deve-se, em parte, às incertezas causadas no setor pela Covid-19, que tem provocado quedas nos preços da carne bovina e do boi gordo na maioria dos estados, desestimulando os produtores a investirem de forma mais efetiva na ampliação do rebanho. Outro fator que também pode ter contribuído nesse cenário é a estiagem que atinge grande parte do território catarinense, deteriorando a qualidade das pastagens e prejudicando a rentabilidade dos produtores de engorda.

Na comparação com março de 2019, as variações são significativas: 28,7% para os bezerros e 24,3% para os novilhos.



Comércio exterior

Em março, o Brasil exportou **146,99 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **12,2%** em relação ao mês anterior e de **2,8%** na comparação com março de 2019. As receitas, por sua vez, foram de **US\$637,81 milhões**, alta de **13,0%** na comparação com o mês anterior e de **20,5%** em relação a março de 2019.



Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira no mês passado foram China, Hong Kong, Chile, Estados Unidos e Rússia, responsáveis por 66,4% das receitas e 63,5% do volume embarcado.

Depois de uma queda em fevereiro, em março, os embarques para a China, nosso principal comprador, voltaram a registrar crescimento: 27,7% em termos de receitas e 37,9% em quantidade, na comparação com o mês anterior. Contribuiu para esse resultado o fato de que, em março, a Covid-19 já estava relativamente controlada na China, o que possibilitou a gradativa regularização de algumas atividades que haviam sido prejudicadas pela doença, como é o caso da importação de carne bovina. Em relação a março de 2019, as altas nos embarques para a China foram ainda mais significativas: 116,6% em valor e 108,3% em quantidade.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo país em março foi de **US\$4.410,51/tonelada**, alta de **18,6%** na comparação com o mesmo mês de 2019. No entanto, em relação a fevereiro deste ano, registrou-se queda de 1,3%.

No primeiro trimestre de 2020, o Brasil exportou **413,21 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$1,83 bilhão** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2019, esses montantes representam alta de **21,8%** nas receitas e **2,0%** na quantidade embarcada. China e Hong Kong responderam por 55,5% das receitas brasileiras deste ano com exportações desse produto.

Em relação ao primeiro trimestre de 2019, a China ampliou em 124,7% o valor e 92,1% a quantidade de carne bovina importada do Brasil. Esses resultados ganham ainda mais relevância num cenário em que vários países europeus devem reduzir suas importações de carne bovina nos próximos meses, em razão dos drásticos efeitos da Covid-19 naquele continente.

Conforme demonstram os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas duas primeiras semanas de abril (7 dias úteis) observou-se aumento na média diária de carne bovina *in natura* exportada na comparação com o mesmo mês de 2019: 30,1% em termos de valor e 11,3% em quantidade. Essa diferença entre os dois índices (variação da quantidade e variação do valor) deve-se, principalmente, ao aumento do preço médio da tonelada de carne bovina no mercado internacional, conforme mencionado anteriormente.

No início de abril, o Egito habilitou 42 plantas frigoríficas brasileiras para exportarem para aquele país, sendo 15 dessas unidades destinadas ao abate de bovinos. Esse processo pode incrementar ainda mais as exportações para os egípcios, um dos principais destinos da carne bovina brasileira.

Em março, Santa Catarina exportou **223 toneladas** de carne bovina, queda de 16,5% em relação ao mês anterior e de 53,4% na comparação com março de 2019. O faturamento foi de **US\$675 mil**, 12,6% inferior a fevereiro e -50,5% em relação a março do ano passado.

No primeiro trimestre, Santa Catarina exportou **900 toneladas** de carne bovina, com **US\$2,67 milhões** em receitas, queda de 26,0% em quantidade e de 22,8% em valor, na comparação com o mesmo período de 2019. Hong Kong foi o principal destino da carne bovina exportada pelo estado este ano, respondendo por 62,4% das receitas.

Coronavírus

O primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi confirmado no final de fevereiro. Contudo, a situação começou a se agravar a partir meados de março, quando o número de casos aumentou significativamente e diversos estados, inclusive Santa Catarina, decretaram situação de emergência e suspenderam aulas, atividades e serviços privados não essenciais, serviços públicos não essenciais, circulação de veículos de transporte coletivo, dentre outras medidas (Decreto no 515, de 17 de março de 2020).

Por enquanto, a chegada da Covid-19 no Brasil ainda não afetou as exportações de carnes do país, já que praticamente todos os elos da cadeia produtiva seguem trabalhando normalmente (indústrias de insumos, produtores, abatedouros, transportadores e portos, entre outros). No início de abril, uma agência de

classificação de risco emitiu nota indicando que o setor de proteína animal brasileiro está entre os setores com baixa exposição à crise global causada pela pandemia do coronavírus.

Por outro lado, ainda em março, as principais empresas do setor (JBS, Marfrig e Minerva) anunciaram a concessão de férias coletivas e suspensão temporária das operações em pelo menos 11 unidades. Segundo notas divulgadas pelas empresas, essas medidas são decorrentes da menor demanda por carne bovina nos mercados interno e externo. Em seu comunicado, a Minerva também mencionou que o fechamento temporário de algumas unidades e a adoção do sistema de *home office* para grande parte dos funcionários administrativos seriam medidas que visam colaborar com o combate à propagação do novo coronavírus.

O recente fechamento de alguns abatedouros nos Estados Unidos em decorrência da detecção de casos de Covid-19 entre os funcionários reforça ainda mais a necessidade de que se adotem todos os cuidados necessários para evitar a proliferação do vírus.

Uma questão que merece atenção no âmbito local é a situação dos pequenos e médios frigoríficos, que atendem o pequeno e médio varejo. Esses empreendimentos estão sendo mais severamente afetados pela drástica redução da demanda, já que têm bares e restaurantes como clientes importantes e não contam com a possibilidade de escoar sua produção via exportações.

Devido à proibição de aglomerações em todo o território catarinense, as tradicionais feiras agropecuárias também foram suspensas. Segundo a Federação da Agricultura do Estado de Santa Catarina (FAESC), estavam previstos 52 eventos deste tipo só para os meses de março, abril e maio, com um total de 106 no ano. Sem as feiras e leilões, a comercialização dos bezerros e novilhos fica prejudicada.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Após atingirem picos em dezembro de 2019, os preços do suíno vivo iniciaram 2020 em queda, movimento observado até meados de fevereiro. A partir da segunda quinzena daquele mês, os preços diários voltaram, gradativamente, a apresentar altas, movimento que se acentuou nas primeiras semanas de março. Contudo, essa reação foi interrompida em meados de março, quando se acentuaram os casos de Covid-19 no Brasil e diversas medidas restritivas foram implementadas na maioria dos estados, em especial, o fechamento de estabelecimentos comerciais e a proibição de aglomerações. Ainda assim, as médias de março ficaram acima de fevereiro nos principais estados produtores, graças às altas significativas da primeira quinzena. As médias preliminares das duas primeiras de

semanas de abril, por sua vez, registraram variações negativas em todos os estados analisados. Os índices variam de -4,8%, em Santa Catarina, a -21,8%, em Minas Gerais (Figura 1).

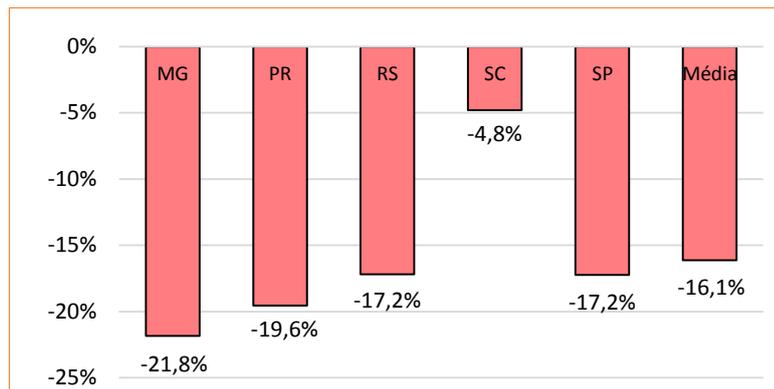


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (março/abril de 2020*)

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/abr./2020.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

semanas de abril, por sua vez, registraram variações negativas em todos os estados analisados. Os índices variam de -4,8%, em Santa Catarina, a -21,8%, em Minas Gerais (Figura 1).

Na comparação entre os valores atuais e os preços de abril de 2019, as diferenças são positivas nos cinco estados, mas com índices bem menos expressivos do que aqueles observados nos meses anteriores: 25,5% em Santa Catarina, 14,6% no Rio Grande do Sul, 10,9% em São Paulo, 10,2% no Paraná e 6,7% em Minas Gerais. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 3,3%, segundo o IPCA/IBGE.

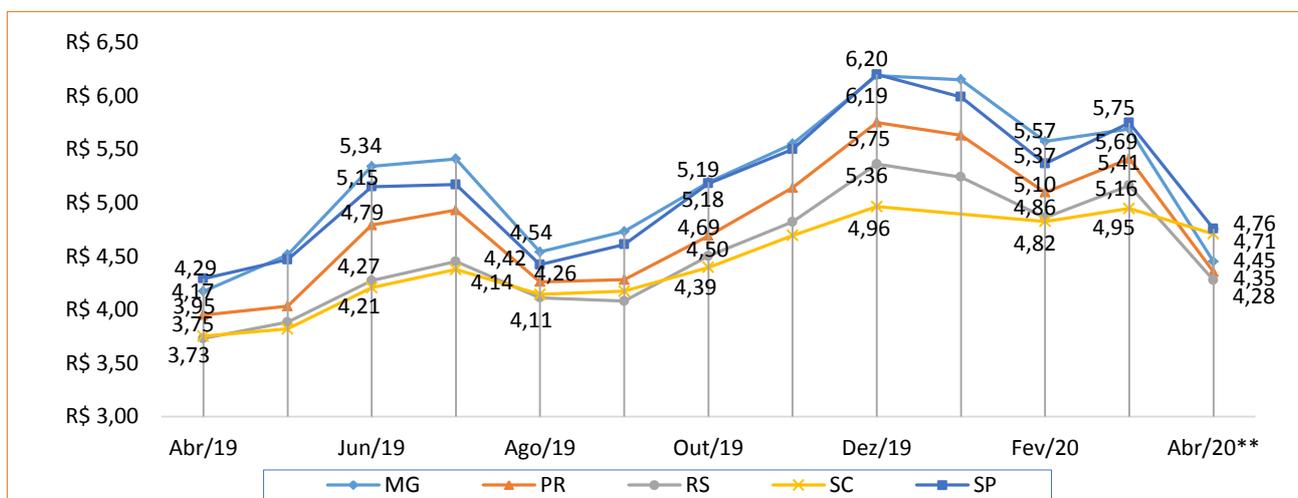


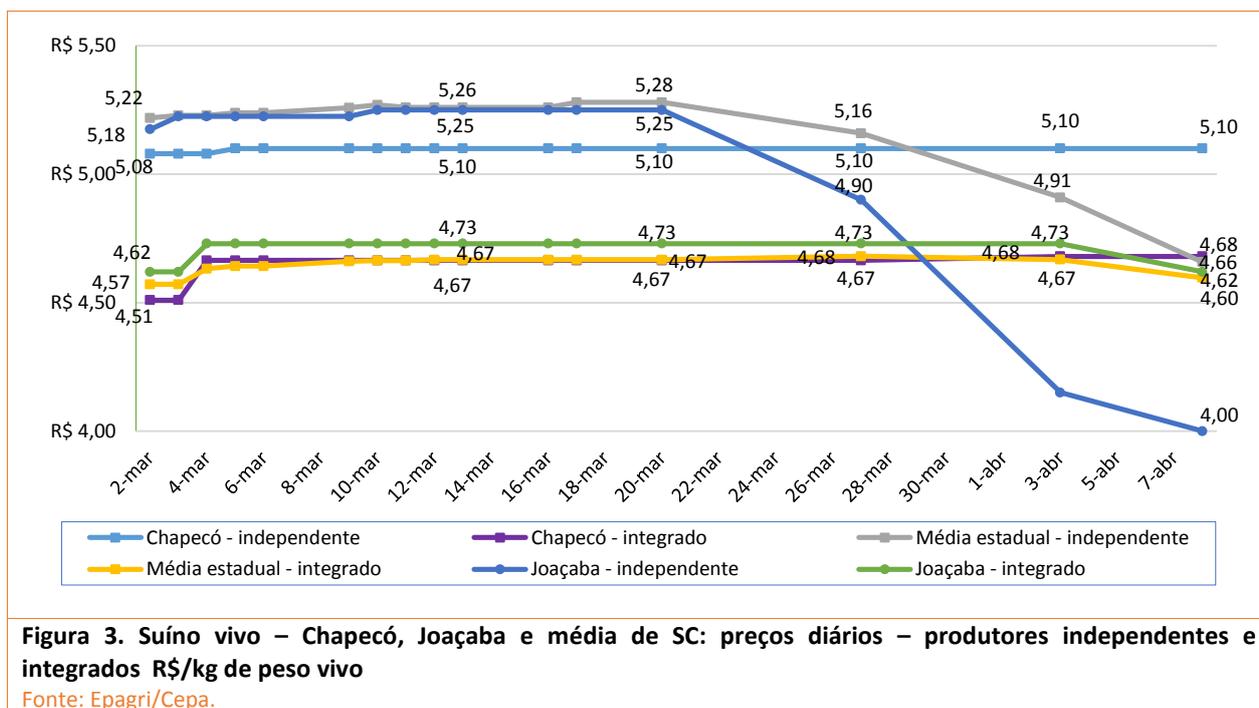
Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor nos principais estados (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/abr./2020.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Embora a média estadual de Santa Catarina apresente queda de apenas 4,8% em relação ao mês anterior, é necessário ressaltar que essa média é composta pelos preços pagos aos produtores integrados e independentes de diversas regiões do estado. Ao analisar os dados de forma desagregada, percebe-se que há variações bastante distintas, de acordo com a categoria em que se enquadra o produtor e a região do estado. A figura 3 apresenta os preços diários pagos aos produtores integrados e produtores independentes nas duas principais regiões produtoras do estado (Chapecó e Joaçaba), bem como as médias estaduais, de 2 de março a 8 de abril¹².



Quando se comparam os preços do dia 13 de março (semana anterior ao decreto de situação de emergência) com o levantamento mais recente (8 de abril), verifica-se que as alterações nos preços pagos aos integrados sofreram alterações pouco expressivas: alta de 0,3% em Chapecó e quedas de 2,3% em Joaçaba e 1,5% na média estadual. Já no caso dos produtores independentes, embora não tenha sido registrada nenhuma variação em Chapecó, em Joaçaba a queda foi de 23,8%, enquanto a variação na média estadual ficou em -11,4%.

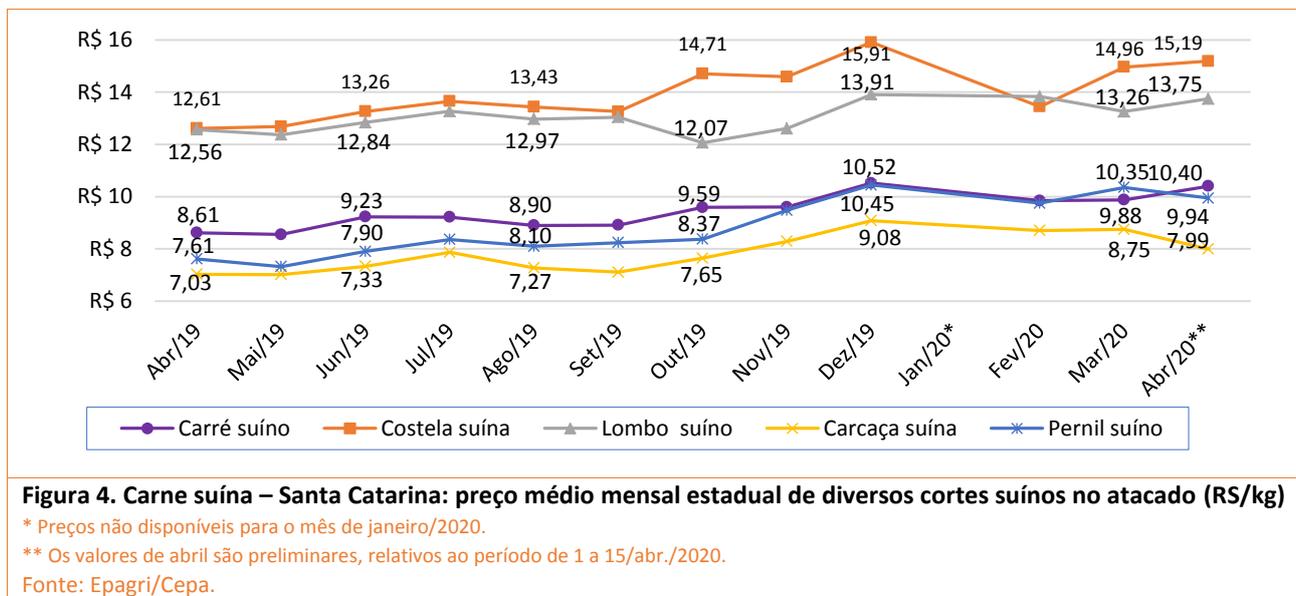
Nas duas primeiras semanas de abril, observou-se movimento distinto no mercado atacadista, de acordo com o tipo de corte. Dos cinco produtos suínos acompanhados pela Epagri/Cepa, três apresentaram alta na comparação entre os preços preliminares de abril e as médias de março: carré (5,3%), lombo (3,7%) e costela (1,5%). Quedas foram registradas nos preços do pernil (-4,0%) e da carcaça suína (-8,7%). A variação média dos cinco cortes foi de -0,4%.

Vale lembrar que, em março, registrou-se aumento médio de 2,8% no preço de atacado dos cinco cortes monitorados. Essa alta é creditada, principalmente, ao pico de demanda observado em meados de março, por conta da formação de estoques domésticos por parte de muitos consumidores. Contudo, depois dessa elevação pontual, tem havido relatos de quedas no consumo de carne suína, especialmente em razão do fechamento de bares e restaurantes, que se constituem num importante segmento para esse produto. Em

¹² A partir de 17 de março, as coletas de preços diárias foram temporariamente substituídas por coletas semanais, em consonância com as orientações e medidas previstas no Decreto Estadual nº 509/2020, do Governo de Santa Catarina.

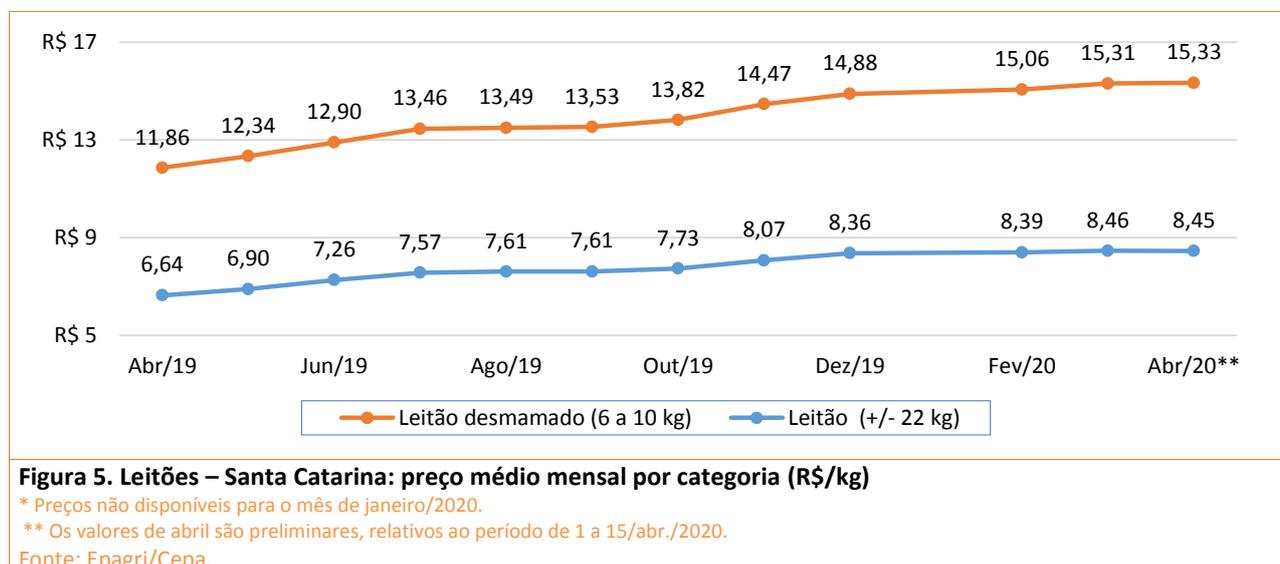
razão disso, é possível que se verifiquem novas variações negativas nos preços de atacado ao longo das próximas semanas.

Em relação aos preços de abril de 2019, as variações ainda são positivas para todos os cortes: pernil (30,5%), carré (20,8%), costela (20,4%), carcaça (13,7%) e lombo (9,4%). Na média, a variação foi de 19,0% nesse período.



Custos

Os preços preliminares dos leitões, referentes às duas primeiras semanas de abril, apresentaram estabilidade em relação ao mês anterior: os animais de 6 a 10kg registraram alta de 0,2%, enquanto os leitões na faixa dos 22kg tiveram queda de 0,1% no mesmo período. Na comparação com as médias de abril de 2019, verificam-se altas expressivas em ambas as categorias: 29,3% para os leitões de 6 a 10kg e de 27,4% para os leitões na faixa dos 22kg.



Nas primeiras semanas de abril, a relação de equivalência insumo-produto apresentou queda de 0,4% em relação ao mês anterior. Esse resultado é decorrente da alta no preço do suíno vivo na praça de Chapecó, já que o preço médio do milho é o mesmo nos dois meses. Contudo, quando se analisa os preços semanais do cereal, percebe-se um movimento de alta no início de março, fazendo com que o produto atingisse seu pico na 3ª semana, com quedas nas semanas seguintes.

O valor atual do índice é 3,8% inferior àquele registrado em abril de 2019.

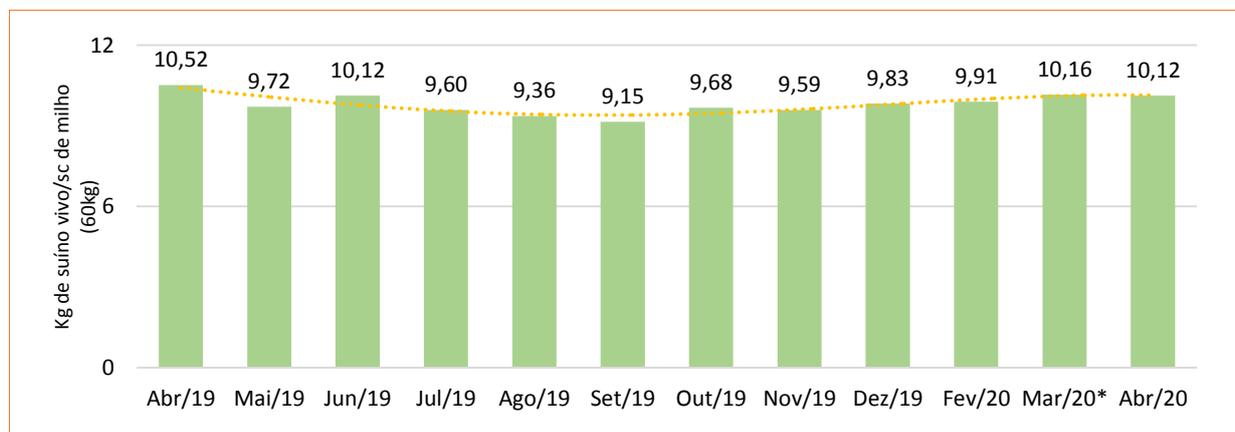


Figura 6. Chapecó/SC – Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir uma saca de milho (60kg)

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de abril é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/abr./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) referente a março, calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou alta de 3,0% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, a variação é de 15,6%, principalmente em função da elevação dos custos com nutrição (14,0%).

Comércio exterior

Em março, o Brasil exportou **71,21 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **6,9%** em relação ao mês anterior e de **31,8%** na comparação com março de 2019. As receitas, por sua vez, foram de **US\$165,03 milhões**, alta de **7,1%** em relação ao mês anterior e de **56,6%** na comparação com março de 2019.

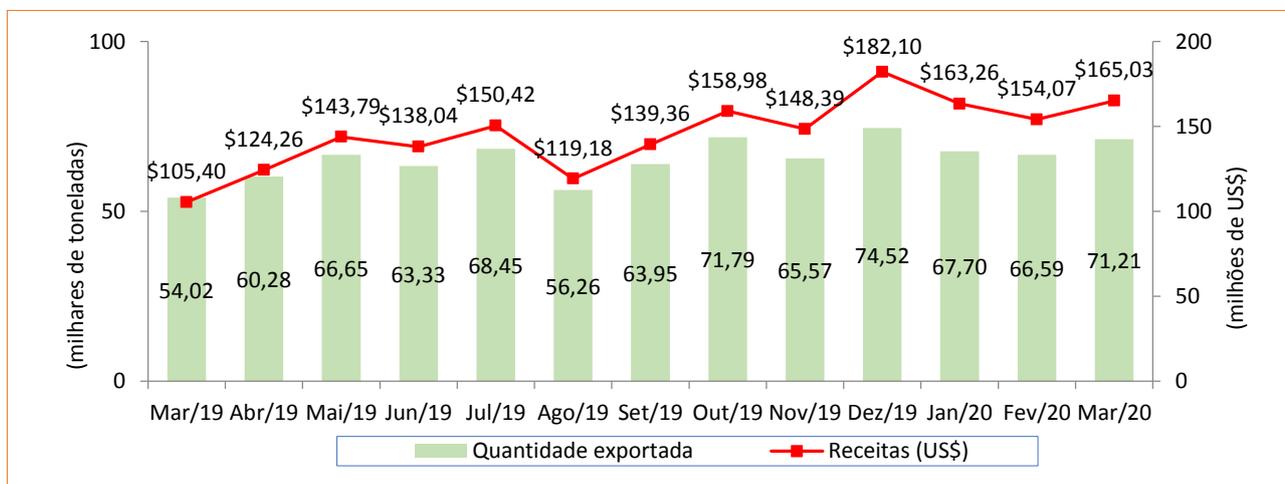


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No primeiro trimestre deste ano, o Brasil exportou **205,51 mil toneladas** de carne suína, com **US\$482,36 milhões** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2019, registra-se alta de **32,8%** na quantidade e **63,3%** nas receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em 2020 foram China, Hong Kong, Uruguai, Chile e Cingapura, responsáveis por 83,0% das receitas no período. China e Hong Kong somam 69,6% do total.

De acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas duas primeiras semanas de abril (7 dias úteis), a média diária de embarques de carne suína *in natura* apresentou altas significativas na comparação com abril de 2019: 42,2% em valor e 25,3% em quantidade. Essa diferença entre os dois índices (variação da quantidade e variação do valor) deve-se, principalmente, ao aumento no preço médio da tonelada de carne suína no mercado internacional.

Santa Catarina exportou **37,65 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em março, alta de **7,5%** em relação ao mês anterior e de **14,5%** na comparação com março de 2019. O faturamento de março, por sua vez, foi de **US\$85,52 milhões**, alta de **6,0%** em relação ao mês anterior e de **36,7%** na comparação com março de 2019.

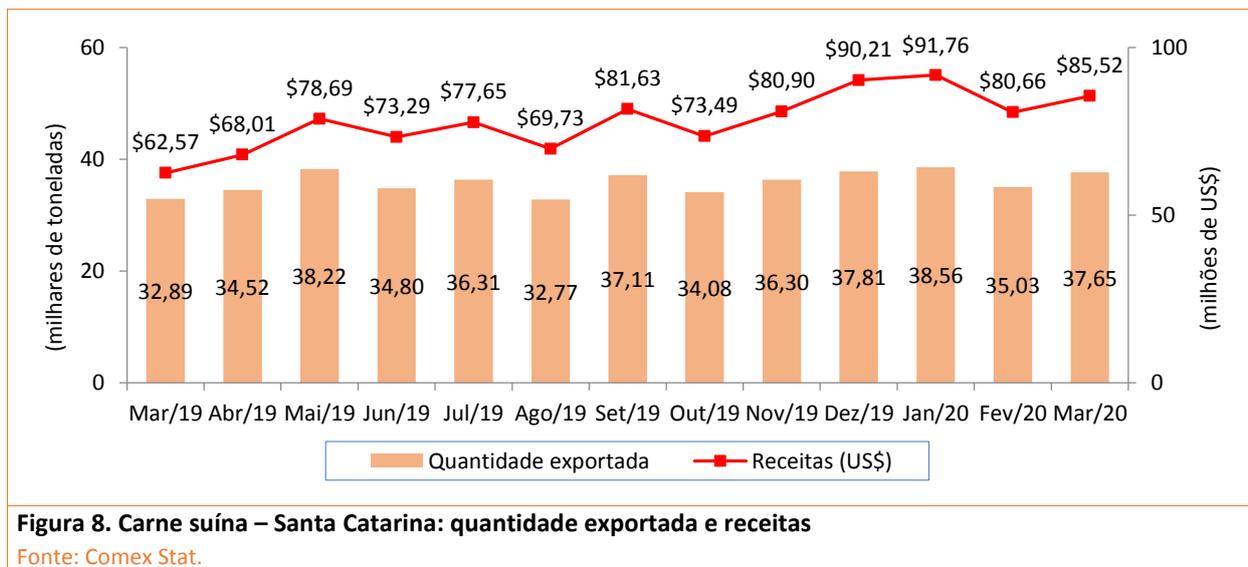


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em março foi de **US\$2.376,90/tonelada**, queda de **0,7%** em relação a fevereiro, mas alta de **20,7%** na comparação com março de 2019.

No primeiro trimestre, Santa Catarina exportou **111,24 mil toneladas** de carne suína, com faturamento de **US\$257,94 milhões**, alta de **17,5%** em quantidade e **48,3%** em valor, quando comparado ao mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **53,5%** das receitas e **54,1%** da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 83,5% das receitas e 80,3% da quantidade embarcada. China e Hong Kong responderam por 68,4% do valor e 67,3% do volume.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º trimestre/2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	147.840.380,00	60.068
Hong Kong	28.539.009,00	14.740
Chile	21.288.656,00	8.878
Japão	9.886.637,00	2.754
Argentina	7.894.246,00	2.920
Demais países	42.488.362,00	21.876
Total	257.937.290,00	111.236

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, três apresentaram variações negativas no acumulado deste ano em relação ao mesmo período de 2019: Argentina (-19,5% em valor e -35,1% em quantidade), Uruguai (-1,1% e -28,1%) e Cingapura (-32,2% e -39,5%). O Chile registrou queda na quantidade (-14,7%), mas alta em termos de valor (7,0%).

Dentre as variações positivas, destacam-se a China (148,2% em valor e 101,8% em quantidade), Japão (242,7% e 236,1%), Coreia do Sul (177,1% e 55,4%) e Vietnã (133,5% e 150,7%).

Com a gradativa normalização das atividades econômicas na China, após o término do pico da Covid-19 naquele país, a perspectiva é de que a demanda chinesa continue crescendo nos próximos meses. Tal cenário é de grande relevância para a suinocultura brasileira e catarinense, que tende a sofrer com os efeitos dessa pandemia sobre a economia e, conseqüentemente, sobre a demanda de carne no mercado interno, além da alta nos preços do milho (elevando significativamente os custos de produção).

Não obstante tal expectativa, a habilitação de novos frigoríficos para exportação à China encontra-se paralisada em decorrência da pandemia do coronavírus. De acordo com o secretário de assuntos internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, novas habilitações são pouco prováveis até que o surto da doença no Brasil diminua. A situação não afeta as unidades já habilitadas.

Peste Suína Africana

Após alguns meses sem novos casos, em março e abril a China registrou nove focos de Peste Suína Africana (PSA), com cerca de 1,8 mil animais mortos ou sacrificados. Essa situação indica que, não obstante os avanços conseguidos pelos chineses nos últimos dois anos, ainda demorará algum tempo para que o país consiga resolver esse problema de forma definitiva e normalizar sua produção.

Até a finalização do presente boletim, a FAO não havia divulgado dados atualizados em relação à situação da PSA na Ásia, principal região afetada pela doença.

Coronavírus

O primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi confirmado no final de fevereiro. Contudo, a situação começou a se agravar a partir meados de março, quando o número de casos aumentou significativamente e diversos estados, inclusive Santa Catarina, decretaram situação de emergência e suspenderam aulas, atividades e serviços privados não essenciais, serviços públicos não essenciais, circulação de veículos de transporte coletivo, dentre outras medidas (Decreto no 515, de 17 de março de 2020).

Um dos efeitos de tais medidas sobre o setor de carnes foi um rápido aumento da demanda por esses produtos nos primeiros dias após a declaração da situação de emergência, já que parte da população buscou estocá-los em casa. Como resultado imediato, observou-se uma pequena elevação nos preços de atacado durante a 2ª quinzena de março, com posterior estabilização.

Até a data de finalização deste boletim, os abatedouros de aves e suínos continuavam funcionando normalmente, não havendo registro de nenhuma unidade fechada por questões diretamente relacionadas ao coronavírus no país. Por outro lado, de acordo com informações divulgadas pela mídia, cerca de nove mil trabalhadores das agroindústrias catarinenses teriam sido afastados preventivamente por conta da Covid-19. Em sua maioria, tratam-se de idosos, grávidas ou pessoas incluídas em outros grupos de risco, além de trabalhadores que apresentavam algum sintoma relacionado à doença, conforme informou um dirigente da Associação Catarinense de Avicultura. Contudo, isso não afetou os abates, já que houve também ajustes temporários no *mix* de produtos das agroindústrias, priorizando-se os cortes mais baratos e menos elaborados, que demandam menos mão de obra, afirmou o dirigente.

Por enquanto, a chegada da Covid-19 no Brasil ainda não afetou as exportações de carnes do país, já que praticamente todos os elos da cadeia produtiva seguem trabalhando normalmente (indústrias de insumos, produtores, abatedouros, transportadores e portos, entre outros). No início de abril, uma agência de classificação de risco emitiu nota indicando que o setor de proteína animal brasileiro está entre os setores com baixa exposição à crise global causada pela pandemia do coronavírus.

Por outro lado, o recente fechamento de alguns abatedouros nos Estados Unidos, em decorrência da confirmação de casos de Covid-19 entre os funcionários, acende um sinal de alerta para o setor de carnes no Brasil e reforça a necessidade de que se adotem todos os cuidados necessários para evitar a proliferação do vírus. Uma das unidades fechadas por tempo indeterminado pertence à Smithfield Foods e é responsável por quase 5% da produção total de carne suína dos Estados Unidos, o que, somado aos demais fechamentos, pode causar impactos significativos sobre a oferta de carne no mercado estadunidense.

Outra questão que merece atenção é a situação dos pequenos e médios frigoríficos, que atendem o pequeno e médio varejo. Esses empreendimentos estão sendo mais severamente afetados nesse momento de drástica redução da demanda, já que bares e restaurantes, em sua maioria fechados ou operando com restrições, são clientes importantes desse segmento. Além disso, essas empresas, em geral, não contam com a possibilidade de escoar sua produção via exportações.

No médio prazo, um aspecto negativo para a demanda de carne suína no mercado interno é que, num ambiente de crise e deterioração de renda, como deve ser observado ao longo dos próximos meses, os consumidores buscam produtos substitutos mais baratos, como é o caso da carne de frango.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção

No dia 13/02, o IBGE divulgou os primeiros resultados da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL) de âmbito nacional, relativos ao último trimestre de 2019. Em março atualizou esses valores, com a divulgação de novos dados, agora também por unidade da federação (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru – Quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – 2014-19								
UF	Milhões de litros/ano						Var. %	
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2018-19	2014-19
MG	6.590	6.442	6.106	5.990	6.072	6.254	3,0	-5,1
RS	3.431	3.488	3.250	3.426	3.389	3.309	-2,4	-3,6
PR	2.972	2.838	2.744	2.935	3.092	3.278	6,0	10,3
SP	2.525	2.607	2.559	2.872	2.728	2.785	2,1	10,3
SC	2.340	2.348	2.438	2.758	2.723	2.768	1,7	18,3
GO	2.685	2.450	2.313	2.465	2.526	2.638	4,4	-1,8
RO	760	699	700	699	659	620	-5,9	-18,4
RJ	512	540	558	599	537	520	-3,2	1,6
MT	618	548	522	528	522	506	-3,1	-18,1
BA	364	332	320	361	428	462	7,9	26,9
Outras	1.950	1.770	1.660	1.701	1.781	1.870	4,9	-4,1
Brasil	24.747	24.062	23.170	24.334	24.457	25.010	2,3	1,1

2018 e 2019 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Os 25,010 bilhões de litros adquiridos pelas indústrias do país em 2019 são um recorde histórico, superando em 1,1% o recorde anterior, de 2014. Essa quantidade representa um crescimento de 2,3% em relação à de 2018, o que não seria desprezível se não fosse o comprometimento na captação de leite em várias regiões brasileiras em maio e junho de 2018, em face da paralisação dos caminhoneiros. A decepção é ainda maior porque o ano de 2019 iniciou com a expectativa de um desempenho produtivo bem superior ao dos anos anteriores, que seria alavancado por condições mais favoráveis do mercado interno, como consequência do crescimento da economia e melhoria importante do emprego e da renda nacionais, aspectos que ficaram longe de se confirmar.

Em Santa Catarina, o crescimento (1,7%) de 2018 para 2019 foi inferior ao de outros estados e ao nacional. Mas, num período mais longo, as indústrias do estado aumentaram substancialmente a sua participação na quantidade total de leite recebida pelas indústrias brasileiras. Em 2000 era 4%, saltou para 7,5% em 2010 e sempre esteve acima de 11% nos três últimos anos (2017-2019).

Os resultados nacionais de 2019 não possibilitavam muito otimismo para o desempenho produtivo de 2020, cujo primeiro indicativo deverá ser divulgado no dia 14/05, quando o IBGE disponibilizará os resultados preliminares da PTL do primeiro trimestre de 2020. É difícil antecipar números, mas o mais provável é que a quantidade de leite adquirida pelas indústrias seja inferior à do primeiro trimestre de 2019. Algumas razões para essa expectativa são: a) desde setembro/19 a quantidade de leite adquirida decresce em relação à dos mesmos meses do ano anterior; b) o primeiro trimestre de 2019 tem números bastante satisfatórios (as quantidades de leite adquiridas em fevereiro e março são recordes mensais da

série histórica, a de janeiro é superada apenas pela de janeiro de 2014); c) importantes bacias leiteiras tiveram a produção do primeiro trimestre afetada por níveis de chuvas insuficientes para manutenção da quantidade/qualidade das pastagens destinadas à alimentação do rebanho leiteiro (Tabela 2).

Tabela 2. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – 2014-19

Mês	Bilhão de litros						Var. %	
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2018-19	2014-19
Janeiro	2,229	2,208	2,072	2,101	2,161	2,213	2,4	-0,7
Fevereiro	1,922	1,900	1,892	1,833	1,890	1,936	2,4	0,7
Março	2,038	2,028	1,898	1,928	1,968	2,065	4,9	1,3
Abril	1,911	1,851	1,749	1,812	1,873	1,922	2,6	0,6
Mai	1,948	1,886	1,742	1,907	1,734	1,964	13,3	0,8
Junho	1,939	1,908	1,728	1,929	1,872	1,970	5,2	1,6
Julho	2,018	1,985	1,897	2,058	2,036	2,080	2,2	3,1
Agosto	2,124	2,018	1,989	2,118	2,120	2,133	0,6	0,4
Setembro	2,085	1,988	1,963	2,103	2,100	2,081	-0,9	-0,2
Outubro	2,119	2,074	2,048	2,141	2,222	2,202	-0,9	3,9
Novembro	2,152	2,066	2,052	2,154	2,210	2,178	-1,4	1,2
Dezembro	2,262	2,151	2,140	2,250	2,271	2,266	-0,2	0,2
Total anual	24,747	24,063	23,170	24,334	24,457	25,010	2,3	1,1

2018 e 2019 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Preços

Os preços de referência do Conseleite/SC se mantiveram relativamente estáveis nos três primeiros meses de 2020. Isto não se repetiu para os preços recebidos pelos produtores catarinenses, cujo valor médio cresceu gradativamente, desde de dezembro de 2019 (Tabela 2).

Tabela 3. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores – 2018-20

Mês	R\$/l posto na propriedade			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,94	1,09	1,22	16,0	11,9
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	24,5	7,7
Março	0,96	1,25	1,29	30,2	3,2
Abril	1,01	1,27		25,7	
Mai	1,09	1,32		21,1	
Junho	1,14	1,32		15,8	
Julho	1,30	1,23		-5,4	
Agosto	1,35	1,19		-11,9	
Setembro	1,31	1,21		-7,6	
Outubro	1,28	1,21		-5,5	
Novembro	1,24	1,19		-4,0	
Dezembro	1,11	1,18		6,3	
Média anual	1,14	1,22		7,0	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nesse mês de abril, parte dos produtores receberá preços iguais ou levemente superiores aos de março. Mas haverá muitas exceções, já que indústrias de diferentes regiões de Santa Catarina informam que a

pandemia da COVID-19 repercutiu fortemente sobre o mercado de maioria dos lácteos, dificultando as vendas e pressionando negativamente os preços. Em alguns casos, a situação teria ficado tão difícil que as indústrias não apenas reduzirão o preço aos produtores, como estão estimulando que reduzam a produção e/ou procurem outros compradores.

As recentes flexibilizações no isolamento social e as iniciativas públicas e privadas para minorar a redução do emprego e da renda de grandes contingentes populacionais não serão suficientes para reverter esse quadro, mesmo nos próximos meses, já que as projeções para indicadores como PIB, renda familiar, emprego, distribuição da renda, endividamento familiar, etc, decisivas para bons níveis de consumo de lácteos, são as piores possíveis.